



3 1761 06184681 2











O ANNEL  
DE POLYCRATES

VENDIDO PELA  
LIVRARIA LEALDADE

Alvaro S. Jorge

R. S. BENTO, 51 ——— 8. PAULO

## OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

- Crystallisações da Morte*, 1884. 1 vol.  
*Canções d'Abril*, 1884. 1 vol.  
*Jesus de Nazareth*, 1885. 1 vol.  
*Per umbram*, 1887. 1 vol.  
*Horas tristes*, 1888. 1 vol.  
*Oaristos*, 1.<sup>a</sup> edição, 1890; 2.<sup>a</sup> edição, 1900. 1 vol.  
*Horas*, 1891. 1 vol.  
*Sylva*, 1894. 1 vol.  
*Interlunio*, 1894. 1 vol.  
*Belkiss*, 1894. 1 vol.  
*Tiresias*, 1894. 1 vol.  
*Sagramor*, 1895. 1 vol.  
*Salomé e outros poemas*, 1896. 1 vol.  
*A Nereide de Harlem*, 1896. 1 vol.  
*O Rei Galaor*, 1897. 1 vol.  
*Saudades do Céu*, 1899. 1 vol.  
*Constança*, 1900. 1 vol.  
*Depois da Ceifa*, 1901. 1 vol.  
*Poesias escolhidas*, 1902. 1 vol.  
*O melhor retrato de João de Deus*, 1906. 1 vol.  
*A Sombra do Quadrante*, 1906. 1 vol.

*No prelo :*

*A Fonte do Satyro.*



O ANEL  
DE POLYCRATES

POEMA DRAMATICO

POR

EUGENIO DE CASTRO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

*Al. D. Amado*

COIMBRA

FRANÇA AMADO, EDITOR

1907



LIBRARY

OCT 0 5 2000

UNIVERSITY OF TORONTO

*D'esta edição fez-se uma tiragem especial de quatro exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo auctor.*





A

JULIO DE VILHENA

DO CONSELHO D'ESTADO  
MINISTRO D'ESTADO HONORARIO  
PAR DO REINO  
SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS  
ETC.

« Dae vós favor ao novo atrevimento,  
« Para que estes meus versos vossos sejam. »

CAMÕES, *Lusiadas*.

*Ha-de haver quinze annos, alguém me repetiu as palavras de sympathia com que o meu Amigo se referira, em conversa intima, a trabalhos meus, palavras que duplamente me sensibilisaram, por ellas proprias, e — sobretudo! — pela circumstancia de procederem de um homem que eu não tinha a fortuna de conhecer ainda.*

*Tempos depois, encontrei-me comsigo, inesperadamente, n'um banquete; e quando eu festejava a ideia*

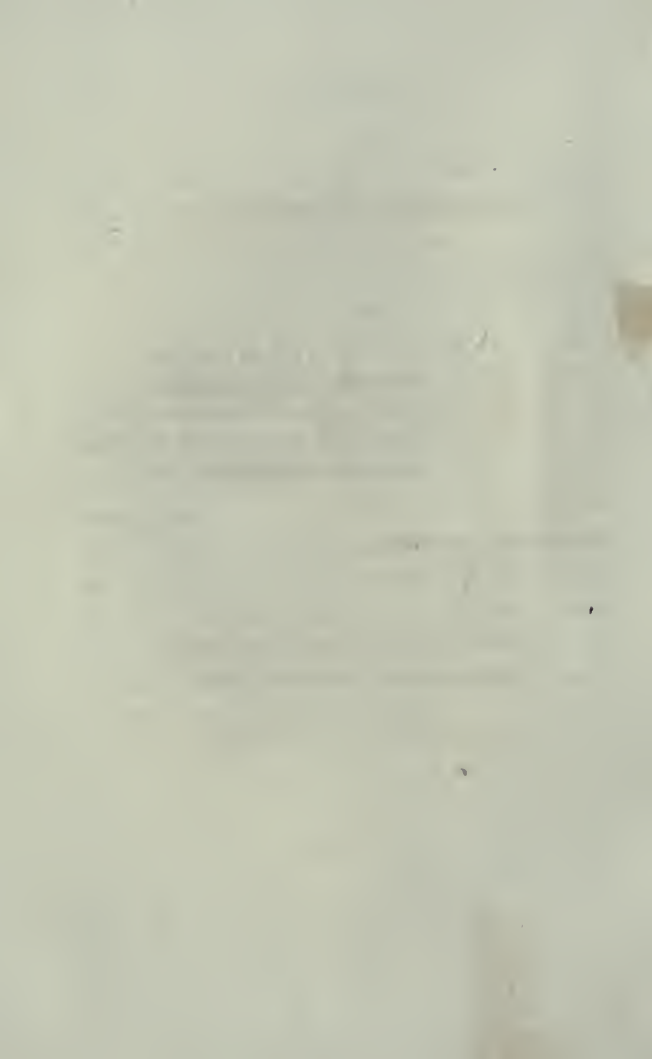
*de lhe ser apresentado d'ahi a instantes, de novo o meu Amigo me surprehendeu e captivou com o brinde affectuosissimo que então me dirigiu.*

*D'esse dia para cá, tenho recebido do seu espirito e do seu coração tantas finezas e tantos incitamentos, que, ás vezes, quando licenceio a minha Musa, levado a isso por imperiosos deveres profissionaes e domesticos, logo me afflige o receio de decair da sua estima, receio que mais negra torna a dor de ver em forçado pousio o modesto campo dos meus sonhos d'arte.*

*Escrevendo esta obrinha, pensei a miudo no que o meu Amigo viria a pensar d'ella. Dedicando-lh'a, nem por sombras tento pagar a minha grande divida: apenas quero mostrar-lhe, na medida das escassas forças que Deus me deu, a immensa e commovida gratidão que lhe consagro.*

*« Von allem, was die Insel heget,  
Ist dieser Ring mein höchstes Gut.  
Ihn will ich den Erinnen weihen,  
Ob sie mein Glück mir dann verzeihen. »  
Und wirft das Kleinod in die Flut.*

**SCHILLER.**





## DRAMATIS PERSONÆ

AGAMEDES D'ATHENAS, joven esculptor.

ANACREONTE DE TÉOS.

ARCHIAS, velho creado de Agamedes.

MELISSA, joven atheniense.

CORO DAS SOMBRAS.

A scena é nos arredores de Samos,  
capital da ilha do mesmo nome.

Olympiada 60ª, 3 ( A. C. 529 ).



## PRIMEIRO ACTO



## PRIMEIRO ACTO

*Pequena casa de campo no alto d'uma collina, entre vinhedos. A' frente do singelo edificio, um portico de marmore, de ordem jonica. A' direita, atravez d'um bosquesinho de alfarrobeiras e cyprestes, branqueja, a distancia, a cidade de Samos. Ouve-se perto o mar.*

### SCENA UNICA

*Agamedes, Anacreonte e Archias.* Este ultimo atravessa a scena repetidas vezes, levando para casa grandes braçadas de lenha.

ANACREONTE, entrando pela direita e estacando defronte de Agamedes que passeia gravemente no peristilo :

Haja paz e alegria em casa de Agamedes !

### AGAMEDES

Quem quer que sejas, tu, que aos altos Numes pedes  
Taes graças para mim, sê bemvindo mil vezes !  
Se és um pastor, que Pan bafeje as tuas rezes ;

Se em rustico socego um campinho cultivas,  
Que as Nymphas maternas o reguem d'aguas vivas ;  
E se uma vinha tens, que o deus Baccho annualmente  
Na adega obscura e fresca as amphoras te augmente !

## ANACREONTE

Não sou pastor, nem lavrador, nem vinhateiro :  
A carne tenra e a lã do placido carneiro,  
Frutas, legumes, pão e os vinhos delicados,  
Por distantes avós ha muito envasilhados,  
Tudo isso, fóra o mais, em abundancia o tenho,  
Sem que, para o haver, condusa algum rebanho,  
Nem regue com suor, vinha, horta ou pomar.  
Minha vida é cantar, dormir, beber e amar !  
Polycrates, senhor do mar Egeu, um dia  
Certa ode escutou, que á loura e fugidia  
Eurypila eu fizera ; e o deleite que teve  
Ouvindo os versos meus foi tamanho, que em breve,  
Instando, me obrigou a vir morar comsigo.  
Apenas cá cheguei, Polycrates, amigo  
E franco protector de sabios e de artistas,  
Bisarro me acolheu com honras nunca vistas,  
Forçando-me a jurar que só p'la mão da morte  
E' que eu consentiria em lhe deixar a côrte.

Serena, desde então é-me a vida de rosas ;  
A' sua mesa cômo iguarias preciosas,  
Em leito de marfim, durmo sob aureo tecto,  
E a par do seu fraterno e desvelado affecto,  
Meu grato coração o affecto conheceu  
De dois homens de bem que lá vivem como eu :  
De Ibycos, o poeta, e do illustre Pythagoras.  
Eu que antes d'esse tempo á raiz das mandragoras  
Tantas vezes roguei do somno o esquecimento,  
Para n'elle afogar a fome e o desalento  
D'um misero viver, conturbado e mesquinho,  
Agora sou como o innocente passarinho,  
Que não faz contas p'ra o comer nem p'ra o vestir,  
Que outra coisa não faz senão cantar e rir,  
Nas mattas p'lo calor, e á tarde pelos céos...  
— Chamo-me Anacreonte, e vi a luz em Téos !

AGAMEDES, cheio de surpresa :

Jamais me alvoroçou alegria tamanha !  
Pois quê, Zeus poderoso ! é possível que eu tenha  
Aqui, junto de mim, o rei dos poetas gregos ?

Olhando com desconfiança para  
Anacreonte :

Não serás um impostor ?

ANACREONTE

Meus olhos fiquem cegos,  
Se não sou quem te disse...

Esse pasmo e clamores  
Denunciam-me que és dos meus admiradores,  
Levando-me a julgar, se não estou illudido,  
Que acolherás benigno um pequeno pedido :  
Um pedido, ouve bem ! Não obriga quem pede...

AGAMEDES

Que desejas ?

ANACREONTE

Beber ! Venho com tanta sêde,  
Que bebêra o Peneo d'um trago !

AGAMEDES

Que promessa !

Gritando :

Archias ! Archias !

A VOZ DE ARCHIAS

Senhor !

AGAMEDES

Vem cá !



A VOZ DE ARCHIAS

Ahi vou !

AGAMEDES

Depressa !

ARCHIAS, saindo de casa :

Aqui me tens, senhor.

AGAMEDES

Vinho e taças ! Escuta :  
P'ra vir mais fresco, vae buscar o vinho á gruta,  
E traze do melhor . . .

Archias volta para casa.

ANACREONTE, olhando embevecida-  
mente a paisagem :

Que vista encantadora !

Como deve sair d'aquí chorosa a Aurora,  
Que sorrisos terá quando voltar ! O velho  
E sempre novo mar 'stá hoje que é um espelho . . .  
Ali, no golfo azul, em festivas derrotas,  
As vélas dos bateis são irmãs das gaivotas,  
Que, sobre um cyprestal de aspeito merencorio,  
Avoejam no sopé do ruivo promontorio . . .

D'aquella alfarrobeira entre os víridos ramos  
Sorri, marmoraria e bella, a cidade de Samos,  
Revendo-se no mar com nobreza e vaidade...  
Só por si, esta vista, amigo, é a f'licidade !

Curto silencio.

AGAMEDES, vendo Archias que reaparece trazendo duas infusas de vinho e duas taças de prata :

Ahi vem Archias emfim !

Enche uma das taças e offerece-a  
a Anacreonte :

Este é do velho... Toma !

ANACREONTE, cheirando o vinho :

O arôma é delicioso...

Prova :

E o gôsto é como o aroma !

E então que fresco vem, como tem vida e graça !

Bebe demoradamente até á ultima  
gôta :

Mas que vejo ? No fundo a generosa taça  
Tem gravada uma rã...

AGAMEDES

Foi Porphyro de Delos

Quem a gravou.

ANACREONTE

E em volta ha versos... Vamos lêl-os.

Lê no fundo da taça :

*Sou uma rã singular :*  
*Se me cobrirem de vinho,*  
*Ninguem, nem mesmo baixinho,*  
*Me ha-de ouvir tagarelar ;*  
*Mas se, por voltas do asar,*  
*Alguem d'agua me cobrir,*  
*Diga adeus ao seu dormir,*  
*Que p'ra longe o farei ir*  
*Com meu rispido coaxar.*

Satisfaça-se a rã... Vá mais uma pinguita !

Agamedes enche a taça de Anacreonte, que a esvasia d'um trago.

AGAMEDES

Mas a que devo eu, amigo, esta visita ?

## ANACREONTE

No jardim de Antenor, d'um lago verde á beira,  
Ha tempos conheci Meltina, a tecedeira,  
Moça d'olhos azues... Uma paixão de fogo  
Na minh'alma extasiada incendiou-se logo,  
Doida e violenta como os vendavaes da Thracia !  
Lentos dias sem fim, com ferrea pertinacia,  
Segui, humilde cão, a sombra de Meltina,  
Beijando a fina areia onde passava, fina,  
Com passo musical, n'um resplendor d'encantos...  
Ajoelhado a seus pés, verti copiosos prantos,  
Longas noites velei junto da sua porta,  
Sem que ella, sempre ativa e glacialmente absorta,  
Apiedada afinal, me dêsse d'improviso  
O mimo d'um olhar e a graça d'um sorriso !  
Quando descorçoei de possuil-a um dia,  
Busquei na solidão, que os tristes allivía,  
Refugio para a dor... O sitio predilecto  
Onde eu ia esconder meu fundo mal secreto,  
Era o olival que fica além, n'aquelle outeiro,  
Entre o aqueducto e o chão de Thyrsis, o padeiro...  
Foi ahi que, uma vez, Eurypila, a que adoro,  
A que tem pés de prata e grossas tranças d'ouro,  
Me appareceu sorrindo, e me curou de prompto !

Foi no outomno...

Porém, já vae comprido o conto,  
E tu estás sem saber que fim cá me guiou.  
Terei defeitos mil, mas ingrato não sou !  
Ora, por gratidão, ao sereno olival  
Onde triste escondí meu recondito mal,  
E onde encontrei depois minha actual ventura,  
Quer chova, quer sibile a ventania dura,  
Dia a dia, sem falta, uma visita faço.  
Cumprindo tal dever, todas as tardes passo  
A' entrada d'esta vinha, onde, ha um pequeno instante,  
Um Termo novo achei, de marmore brilhante.  
Parei, a contemplar o deus rural, pasmado  
Da sua perfeição, e louvando o inspirado,  
Incognito cinzel, que ao deus n'um rosto déra  
Duplicada expressão, sorridente e severa,  
Severa para os maus, para os bons sorridente,  
E que, a ralhar ou rir, diz alternadamente,  
Aos ladrões : *para longe !* e aos que o não são : *entrae !*  
Então passou por mim o velho Mœris, pae  
De Anticlea, a gentil e esbelta bordadora,  
Que acolá, n'uma casa entre cyprestes móra.  
— « Mœris, lhe perguntei, sabes dizer-me quem  
« Atraz da sebe poz aquelle Termo, além ? »

E o velho respondeu : — « Sei que a vinha pertence,  
 « Herdada de seu pae, a um moço atheniense,  
 « Que desde a ultima ceifa habita este deserto  
 « E que é grande esculptor . . . Elle mesmo, por certo,  
 « E' que o Termo esculpiu e ali o mandou pôr . . . »  
 Nada mais quiz ouvir.

Um mancebo e um esculptor !  
 Eu que sempre adorei a mocidade e a arte,  
 De Mœris me apartei, e eis-me aqui a saudar-te !

## AGAMEDES

Das mais viçosas flor's que vicejam n'este ermo  
 Basta c'rôa farei para coroar o Termo,  
 Recompensando-o assim ( como o applaudo e bemdigo ! )  
 Por me haver conquistado um tão precioso amigo !

## ANACREONTE

Precioso ! . . . Essa expressão convem mais ao teu vinho . . .

## AGAMEDES

Áchal-o bom ? Quer's mais ?

## ANACREONTE

Pois sim, mas poucochinho . . .

Bebe.

E ainda ha quem chame ruins aos vinhedos de Samos !  
Venha uma copa mais, amigo !

Esvasia nova taça.

E agora vamos  
A ouvir a tua historia ! Int'ressa-me o sabêl-a.

#### AGAMEDES

Devéras, quer's ouvil-a ? E' uma historia singella.  
Nasci rico, nasci entre a opulencia e o goso...  
Ao som d'harpas, dormi n'um berço flexuoso,  
De perolas e d'oiro, um berço que era um astro !  
Medrei saltando em aposentos d'alabastro ;  
Saphiras e rubins gemmavam meus brinquedos,  
Que eu destruia a rir com furiosos dedos ;  
Acepipes p'ra a mesa, e perfumes estranhos,  
Lançados com mão doida em langorosos banhos  
Nas horas sensuaes d'esses dias felizes,  
Mandava-os vir meu pae, de longinquos paizes  
Em triremes que só lidavam para nós...

#### ANACREONTE

Na adega, faço ideia, eram vinhos de Khós  
De Mesogis, d'Epheso... eu sei ! Quem lá me dera !

## AGAMEDES

Um dia, estava eu a modelar em cera  
( Era eu já um rapaz ) a ingenua figurinha  
D'Eros tendo na mão domestica andorinha,  
Surprehende-me meu pae, que em terno desvario,  
Crendo ter já em mim outro Melas de Chio,  
Me beija ternamente e loucamente parte  
A' procura de quem me guie n'essa arte  
Que faz chorar, sorrir, amar e odiar, a pedra !  
Dá-me meu pae por mestre o illustre Scopas. Medra  
Em mim, dia p'ra dia, a paixão da esculptura,  
Já me acena de longe a gloria com brandura,  
Que se occupam de mim, quando saíio, percebo ;  
E assim, sem me importar, felicissimo ephebo,  
Com o frivolo prazer dos jogos e do amor,  
Morto p'ra tudo mais, vivo sendo esculptor.  
Mas da fortuna o vento é como os outros — vario :  
Eis que morre meu pae, o alegre perdulario,  
E eu fico na miseria !

## O palacio d'Athenas

Onde nascera, e onde, ligeiras e serenas,  
Tinham da minha infancia as horas deslizado,  
Como rosas caindo em ribeiro prateado ;  
O marmorio palacio e a riqueza que o enchia,



Toda a baixella d'oiro e a immensa argenteria  
Que pejára um celleiro ; as estatuas e os bustos  
De deuses e de heroes, fulgindo entre os arbustos  
Do pateo interior, silencioso e discreto ;  
As cobertas de lã bordadas em Mileto,  
Os bellos camafeus, e as vivas cornalinas  
Gravadas com ideaes effigies femininas ;  
Os vastos leitos, onde a dor de Cyparisso,  
Se rangiam, vibrava . . . ai ! tudo, tudo isso,  
Como sob um cyclone uma veiga de flores,  
Aduncamente foi pilhado p'los credores !  
Caído na miseria, um dia, somnolento  
E cançado de andar toda a noite ao relento,  
O usurario Cleandro encontro, que me fala  
Com rara polidez, cofiando a barba rala,  
E que a alliciar-me, a penhorar-me, a enternecer-me,  
Vivamente me diz : — « Olha lá, quer's vender-me  
« A vinha que teu pae em Samos possuia ? »  
Fiquei varado ! O quê, altos Deuses ! havia  
Coisa que minha fosse ? Abafo a commoção  
E digo simplesmente ao patiforio : — « Não ! »

Vendo azulado assim o meu viver aziago,  
Buscando amigos meus, parto, procuro, indago,

E acabo por saber, que em verdade era minha  
Esta pequena casa e esta pequena vinha  
Onde, com o servo leal que nos braços me trouxe,  
Vim rapido esconder-me e onde a vida me é doce...

ANACREONTE

E fóra o servo, diz', ninguém mais te acompanha ?

AGAMEDES

Ninguém mais aqui vive...

ANACREONTE

Eis uma coisa estranha,  
Que tu, moço e gentil como és, na linda idade  
Dos sonhos e do amor, á tua soledade  
Não chamasses ainda uma graciosa amante !  
Não ! E' preciso amar, meu candido ignorante !  
De que te servem, dize, as rosas que além vejo,  
Se a enamoradas mãos, com um demorado beijo,  
Trememente de paixão, não has-de ir off'recêl-as ?  
De que te serve a vinha, onde os cachos são estrellas,  
De que te serve a vinha, e o vinho que produz,  
Mixto acariciador de balsamos e luz,  
Se um regaço não tens, onde, em brandos deleites,

Meio ebrio, ao fim da tarde, essa cabeça deites ?  
De que te serve a Gloria, amigo ? A Gloria é vã,  
Se aquelle que a buscou em doloroso afan,  
Alva amante não tem de belleza estupenda,  
A cujos pés de luar, como um tapete, a estenda !

Enche de novo a taça e bebe.

AGAMEDES

Talvez tenhas razão no que dizes... Confesso  
Que ás vezes, quando sinto o coração oppresso  
Por indecisa dor, me ponho a appetecer  
A doçura e o frescor d'uns labios de mulher...  
Como deve ser bom !

ANACREONTE

Pois 'inda não provaste ?

AGAMEDES

Confesso que ainda não...

ANACREONTE

O lirio em sua haste  
Mais pureza não tem ! Até parece mal !  
Não estarás a mentir ?

AGAMEDES

Sou incapaz de tal.

ANACREONTE

Pois bem, é começar ! Com juvenil ardor,  
Sem demora entrarás nos combates do amor,  
Em que victorias mil has-de cobrar por certo !  
Vamos, quero-te ver finalmente desperto  
D'um somno que é um crime. Um crime, sim ! Mas ante  
Eu que até hoje conto oitenta e sete amantes,  
E que em questões d'amor desafio os mais velhos,  
Vou dar-te, caro amigo, uns dois ou tres conselhos.

Senta-se n'uma pedra.

Quem se dispõe a amar o seu character dispa !  
O amor, embora seja uma rapida chispa  
Que morre mal brilhou, tem duras exigencias ;  
Porém, como é fugaz, bastam-lhe as apparencias . . .  
Não mudes ! Sê o que és no fundo da tua alma,  
Mas p'ra alcançar da tua amada a verde palma,  
Não receies mostrar-te, ó tu que amar desejas,  
Não como és mas como ella quizer que sejas !  
E' religiosa a tua amada ? — Vae ao templo,  
Consagra offertas mil aos Deuses, sê o exemplo  
No modo de seguir o antigo ritual.

Tem p'los Deuses do Olympo um desdem sem igual?  
— Sem de leve hesitar, zomba do Olympo inteiro!  
Gosta acaso de flor's? — Faze-te jardineiro!  
P'ra no Amor ser feliz, eis a receita unica:  
Nunca d'alma mudar, mudar sempre de tunica!  
O que torna o mortal illustre ou vil é a roupa!  
Para possuir Danae, Leda, Antiope, Europa,  
O omnipotente Zeus tornou-se em chuva d'oiro,  
Em cysne, em ægipan e por ultimo em toiro!  
Faze o mesmo! Porém, ouve ainda uma cousa:  
— Se tiver's de ser animal, sê... raposa.

Ha, para captivar as virgens indiff'rentes,  
Uma droga de truz: enchêl-as de presentes.  
Embora a Persuasão em teus labios habite,  
Um annel, um medalhão d'agatha ou malachite,  
Uns brincos ou um rubim de fina transparencia  
Conseguirão bem mais que a maior eloquencia.  
Agamedes, no entanto é meu dever dizer-te  
Que este velho processo as mulheres perverte  
E lança na ruina os homens. A mulher  
E' um poço d'ambição: quanto mais tem, mais quer.  
Tem um annel? quer dois; tem dois? deseja tres...  
Não cáias na fatal, grotesca insensatez

De acostumar assim a tua namorada !  
Se a acostumas assim, a moça desvairada  
Nem um só beijo, um só ! te poisará na bôca,  
Sem que primeiro exija alguma coisa em troca.  
Presentêa sómente o amor dos teus amores  
Com lindos pomos, mel, versos e muitas flores.  
Nada mais ! De contrario, ingenuo apaixonado,  
Terás em breve tempo, ó tonto ! dissipado  
A casa, a vinha, a horta e as proprias ferramentas . . .

Vencendo em sanha e astucia as feras mais cruentas,  
O ciume é um negro monstro, um javali nefasto  
Que os puros corações destroe : não lhe dês pasto,  
Evita-o sem cessar como um funesto p'rigo !  
Se fores encontrar o teu melhor amigo  
A cochichar co'a tua encantadora amante,  
Não te deixes tomar de colera espumante,  
Faze que nada vês, de leve te retira,  
Fecha a porta de manso, e soffrendo a ira,  
Caminha para a casa onde mora o infiel  
E vingate . . . beijando a airosa amante d'elle !

De tanto parolar a guela se me abrasa . . .  
Vá uma taça mais ! mas enche-a pela rasa,

Se não queres que a rã coaxando nos irrite.

Recebe das mãos de Agamedes a  
taça trasbordante, bebe sofre-  
gamente, e continúa já bastante  
embriagado :

Para te conduzir ao altar de Aphrodite,  
Talvez te conviesse uma mulher já feita,  
Casada ou não (isso é indiferente), affeita  
Aos mysterios do Amor, e cuja experiencia  
Guiasse, maternal, tua cega innocencia...  
As flores dão-se bem ás vezes nas ruinas,  
E assim, ephebos ha que ás candidas meninas,  
Lindas como, ao luar, de cravos um canteiro,  
Insípidas, porém, como um arbusto sem cheiro,  
Preferem vezes mil matrona já durasia,  
Mas enervante como os balsamos da Asia.  
No entanto uma mulher assim é bem p'rigosa,  
Porque em cada matrona ha sempre uma gulosa,  
E como a fructa verde é a que mais as tenta,  
Passado um dia ou dois, ao cabo de violenta  
Noitada de prazer, havias de appar'cer-me  
Sumido, sem vigor, com sombras na epiderme,  
Com uns olhos de febre entre violetas roxas,  
Qual se fôras, emfim, chupado p'las carochas.  
Deixa para mais tarde as velhas; por emquanto

D'alva moça procura o immaculado encanto,  
O inviolado frescor... Conheces Anticlêa?

AGAMEDES

Ha dias que a conheço...

ANACREONTE

E como a achas, feia?

AGAMEDES

Pelo contrario, amigo, é linda como os astros !  
Sua pelle escurece os puros alabastros  
Da Laconia, e, por Zeus ! sua voz argentina  
E' um favonio a brincar n'uma lyra divina...  
Nunca donzella vi tão linda !

ANACREONTE

Muito bem :  
E' Anticlêa, amigo, a flor que te convém !

AGAMEDES

Porém...

ANACREONTE

Porém, o quê ?



AGAMEDES

Anticlêa é tão linda

Como estúpida...

ANACREONTE

E tu és mais ingenuo ainda

Que um ramo de coral, cabecinha de vento !

Se exiges á mulher a fôrça do talento,

Deverás exigir a formosura aos sabios !

Que importa a estupidez, se são frescos os labios ?

As maçãs em que tu cravas guloso os dentes,

Dize-me, essas maçãs são muito intelligentes ?

Ora a maior diff'rença, amigo, que tu vês

Entre a moça e a maçã, é que uma tem dois pés

E a outra tem um só ! Anticlêa é formosa

E nova. Que mais quer's ? E' parva e silenciosa ?

Melhor ! Sem hesitar, trata de convencê-la.

Hoje mesmo, sem falta, has-de falar com ella !

AGAMEDES

Mas o que hei-de eu dizer-lhe ?

ANACREONTE

Ingenuo ! Dir-lhe-ás

Que a amas, como a vespa ama o fino lilaz ;  
Que a amál-a, sem cessar, em fogo se consome  
Teu pobre coração, e que, ao dizer seu nome,  
Sentes á flor da bôca um veio de ambrosia ;  
Dir-lhe-ás, que vês, ao vêl-a, um refulgente dia,  
Embora sobre ti a noite se condense ;  
Que em frescura e doçura o seu habito vence  
Os zephyros que vem dos laranjaes da Argolida,  
E que a tua paixão, como as montanhas, solida,  
Como o Oceano, profunda, e, como o aço, forte,  
Não teme o alado Tempo e desafia a Morte !  
Por fim, dir-lhe-ás tambem, que, por sua intenção,  
De Cypris sobre o altar queimaste em profusão  
O olíbano que vem da Arabia fabulosa,  
E as resinas subtis da planta preciosa  
Em que foi transformada a filha de Cyniras. . .

## AGAMEDES

Mas isso, Anacreonte, é um rocal de mentiras !

## ANACREONTE, indignado :

Nunca até hoje vi tamanha ingenuidade !  
O Amor anda de mal ha muito co'a Verdade !  
Queres victorias ter ? Mente e torna a mentir !

Dize que sentes mas livra-te de sentir !  
Durma o teu coração, quando a bôca falar !  
Mente e torna a mentir ! Não cáias em amar  
Com verdadeiro amor ! Um amor verdadeiro  
E' uma canga de bronze, um duro captiveiro  
Que attrae angustias, ais, ciume, febre e pranto !

Deita a mão a uma das infusas e  
põe-se a beber desordenada-  
mente, ás goladas.

AGAMEDES

Comprehendo... Mas depois de repetir-lhe quanto  
Me ensinaste, que mais deverei eu fazer ?

ANACREONTE, limpando a bôca avi-  
nhada a uma ponta da tunica :

Marca-lhe uma entrevista aqui, ao escurecer.

AGAMEDES

E ella virá ?

ANACREONTE

Por certo.

AGAMEDES

E em ella aqui chegando ?

ANACREONTE

Senta-a junto de ti, e as suas mãos beijando,  
Imprime á tua voz doces requebros lassos  
De paixão...

AGAMEDES

E depois ?

ANACREONTE

Depois ... beija-lhe os braços,  
E se ella não mostrar sacudidos assombros,  
E creio bem que não, beija-lhe os lacteos hombros...

AGAMEDES

E depois ? E depois ?

ANACREONTE

O Amor te ensinará !

Ergue-se com difficuldade, bebe-  
dissimo.

Mas agora reparo, é quasi noite já...

Vou-me !

Dá dois passos a cambalear

E a caminho irei compondo uma canção

P'ra Eurypila... O teu vinho, enevoando a razão,  
Exalta e inspira como as aguas de Castalia !

Os braços bambos, trocando as  
pernas e piscando os olhos,  
põe-se a fazer medidas deante  
de Agamedes, e de repente,  
n'um impeto, larga pela vinha  
abaixo, aos bórdos.

AGAMEDES, vendo-o desaparecer :

Que bebado que vae ! Lá deixa uma sandalia...



## SEGUNDO ACTO





## SEGUNDO ACTO

*O mesmo scenario do primeiro acto. Crepusculo da tarde.*

### SCENA I

*Agamedes só.*

#### AGAMEDES

Desde que Anacreonte aqui esteve ha tres dias  
Quasi me desconheço !

As puras alegrias  
Do trabalho ; o prazer íntimo e sem alarde,  
De mirar orgulhoso, ao declinar da tarde,  
Os avanços da estatua em que andava lidando ;  
Depois, concluida a ceia, esse cansaço brando,  
Esse doce torpor que me levava ao leito,  
No qual adormecia, ingenuo e satisfeito,  
A pensar deliciado em novas esculpturas ;  
O entusiasmo, a fé, as ambições tão puras  
Com que me erguia, mal a vespertina estrella

Às nenias punha fim da triste Philomela,  
Cançada de contar o triste fado seu,  
De Progne a revindicta, e a furia de Tereo ;  
Toda a macieza e paz d'aquelles dias breves  
Submersas vejo como, ao derreter das neves,  
As campinas que estão nas margens do Achelô !

Meu pobre coração dormia... Despertou-o  
Com voz d'incantamento o lyrico de Téos...  
Como no dorso mol' da baleia os harpeos  
Dos rudes pescador's que vão para agarrál-a,  
Assim d'essa brilhante e suggestiva fala  
As palavras fataes, palavras que eram settas,  
Me penetraram todo !

Adeus, noites quietas,  
Noites d'um somno só, e vós dias ligeiros,  
Em que as Horas, dançando em florídos canteiros,  
Com divinas canções acompanhavam, rindo,  
Do meu escopro na pedra o canto claro e lindo !  
Meu escopro ! meu amigo e meu socio na arte,  
Tres longos dias ha, que não ousou tomar-te  
N'estas ingratas mãos, ingratição sem nome !  
Tres longos dias ha, que a febre me consome,  
Impellindo-me atraz d'um sonho vago e futil ;

Tres longos dias ha, que estás calado e inutil,  
Entre obras por findar, na calada officina !  
Lá, meu escopro fiel, que excitação divina,  
Que inspirado furor nos colhia a nós dois  
Na ancia de crear deuses, nymphas e heroes,  
De dar á pedra morta a inquietação da vida !  
Ai ! quanta, quanta vez, co'a alma embevecida  
Em funda aspiração de espirital belleza,  
Não te fui despertar antes que a natureza  
Acordasse ao raiar da Aurora em risos claros !

Ao centro do telheiro, alvo bloco de Paros  
Erguia-se brilhante.

E a faina começava !

Tomando-te na esquerda, a mão direita alçava,  
Prompta p'ra te bater, a pesada maceta ;  
No modelo de barro a minha vista inquieta  
Poisava, a calcular fórmás, relevos, linhas,  
E logo, aos golpes teus, —quão certos os mantinhas!—  
Ou cauto e comedido, ou desvairado e louco,  
Avultavam na pedra informe, a pouco e pouco,  
Uma nobre cabeça altivamente erecta,  
Um bello torso nú, forte e largo, d'athleta,  
Uma perna retesa, uma crispada mão !

E o teu cantar seguia a minha inspiração !  
Brando, se algum relevo a respeitar havia,  
Mudava-se a brandura em aspera energia,  
N'um fuzilar de movimentos iracundos,  
Quandourgia fazer desbastes mais profundos ;  
Leve, tinias como os sistros argentinos,  
Se arredondavas, meigo, uns seios femininos,  
D'uma naiade o collo, ou d'uma deusa as ancas ;  
E ao marmore arrancando enormes lascas brancas,  
Silvavas como um raio em minhas mãos nervosas,  
Se lavravas na pedra as fórmavigorosas  
D'um luctador luctando, ou d'um nume furioso !  
Ai de mim ! O labor constante e voluptuoso,  
Que d'antes me encantava, aborrece-me agora !  
Cada instante fugaz me parece uma hora,  
E tu, meu escopro, que eu tão leveirinho achava,  
Pésas-me tanto ou mais que de Hercules a clava !

Senta-se n'um dos intercolumnios.  
do portico. Pequeno silencio.

Hontem, pensando nas bellezas de Anticlêa,  
D'este casal saf. . .

De subito, avistei-a,  
A caminho da fonte, airosa, fina e lesta ! .  
Eram de neve pura a sua nobre testa,

O seu peito de garça e seus ligeiros pés ;  
E sobraçava, esbelta, uma amphora de grês...  
Maluquinho d'amor's, vou-me no encalço d'ella,  
A admiral-a, extasiado e tonto, a appetecê-la,  
A compor phrases mil, afim de lh'as dizer  
Tão depressa p'la cinta a colhesse, e a colher  
Branços narcisos, goivos brancos e alfazema,  
Para tecer-lhe farto e perfumado estemma !  
N'isto, d'um verde bosque a densa ramaria  
Encobre-m'a : julguei até que anoitecia,  
Posto que fosse d'ouro e rosas a manhã !  
Como Syrix fugindo aos abraços de Pan,  
Largo em doido correr...

Em breve, aos meus ouvidos  
Sôam já, suavemente, os velados gemidos  
Da fonte, junto á qual ella devia ouvir-me  
Jurando um grande amor, puro, abrasado e firme !  
Chegado lá, porém, que vi ?

Potente Zeus,  
Porque é que não cegaste os tristes olhos meus ?  
— Anticlêa, a gentil, ambicionada flor,  
Abraçava Rufino, um rustico pastor !

Erguendo-se :  
Cypris ! Filha do Céu e do Mar ! Sê fagueira

Para Agamedes ! Ouve, ó Deusa !

A vez primeira

Que ao teu culto levei meu novo coração,

Tão sómente colhi negra desillusão !

Foste injusta e cruel !

Deusa formosa e sabia,

Os bellos olhos teus, doces como da Arabia

Os perfumes subtis, põe-n-os n'este meu seio,

E logo me dirás se o vivissimo anceio

De ternura e de amor, que n'elle estúa e cresce,

Qual refervido oceano, ó Cypris, não merece

Que alto premio lhe dês, dando-me sem demora

Meiga amante, fiel, e amavel como a Aurora !

Sê benigna e clemente, ó Cypris ! E se acaso

Minha súpplica ouvir's, se eu vir, em breve praso,

Do meu inquieto amor o idolatrado objecto,

Alta deusa de Cnido e de Paphos, prometto

Que te hei-de levantar uma estatua tão bella,

Onde a tua nudez scintillante, de estrella,

Tão bem seja imitada, e essas mãos e essa fronte,

Que ao vê-la julgarás mirar-te em lisa fonte !

## SCENA II

*Agamedes e Archias.*

AGAMEDES, ouvindo passos :

Quem vem ?

ARCHIAS, entrando pela direita, com  
um cêsto ás costas :

Sou eu, senhor.

AGAMEDES

O que vae p'la cidade ?

Nada ouviste por lá ?

ARCHIAS

Ha grande novidade !

Poisa o cêsto no chão, e começa  
a mostrar o que n'elle traz.

Fui buscar ao mercado este cambo de tordos,  
— Vê que bonitos são, e vê como estão gordos ! —  
Estas maçãs de Creta, e esta enfiada d'enguias  
Do lago Copais ; entrei nas olarias  
De Glaphyro e Menandro, e lá comprei, baratos,

Este rython que achei bellissimo e estes pratos ;  
 Um momento parei, com olhos compassivos,  
 Seguindo o trabalhar d'alguns pobres captivos,  
 Que em torno da muralha um fosso estão cavando ;  
 Procurei Nicanor, o bebedo execrando,  
 Que ainda não apromptou tuas sandalias ; fui . . .

AGAMEDES, interrompendo-o :

Que me importa o saber onde foste ? Conclue  
 O teu roteiro e conta a novidade, vamos !

ARCHIAS

Pois saberás, senhor, que chegou hoje a Samos,  
 De Amasis, rei do Egypto, esplendida embaixada ;  
 Presentes que ella traz, luzem como a alvorada,  
 Tão carregados vem de gemmas assombrosas !  
 Ao pé d'estas, porém, as coisas judiciosas,  
 Os conselhos leaes e as razões excellentes  
 Da carta que acompanha os lucidos presentes,  
 São como ao pé da negra cinza o oiro em pó !  
 A Polycrates diz o sabio Pharaó  
 Isto que eu ouvi ler :

*« Amigo : Essa alliança*

*« Que me propões, acceito-a. E' grande a confiança*



- « *Que tenho em teu valor e em teu alto poder !*  
« *Um exercito possues, que sabe só vencer,*  
« *Exercito fatal, mudo, solemne e forte,*  
« *Que leva a Gloria sempre adeante, e atraz a Morte !*  
« *Sei que prodigios mil de audacia e valentia*  
« *Se cometteram quando, em memoravel dia,*  
« *Da lesbia gente houveste um triumpho completo,*  
« *Ao vêl-a soccorrendo o povo de Mileto ;*  
« *Sei finalmente que na bahia de prata,*  
« *Onde a tua cidade airosa se retrata,*  
« *Cem naus mergulham na agua os seus cinco mil remos !*  
« *Quanto a mim, sabes bem o que valho. Juntemos*  
« *Nossas forças, e então, sentindo a sorte adversa,*  
« *Confuso rugirá nosso inimigo, o persa !*  
« *Então, amigo, ao ver que apertámos as mãos,*  
« *Na intrepidez heroes, e na amisade irmãos ;*  
« *Tremerá de pavor o insolente Kambyses !*  
« *Em Samos e no Egypto aureos dias felizes*  
« *Veremos deslisar . . . Então a filha loura*  
« *De Themis e de Zeus, a Paz encantadora,*  
« *Seus ouvidos cerrando aos bellicos gemidos,*  
« *Graciosa, ha-de eleger, como sitios pref'ridos*  
« *Para apoç infantis, innocentes folguedos,*  
« *Longas séstas dormir, os samianos vinhedos,*

- « *E aqui, por tardes d'ouro, a sombra das pyramides!*  
« *Então, ahi e aqui, cingindo puras chlamydes,*  
« *Os soldados irão (já cuido que os contemplo!)*  
« *Suas armas depor do deus Ares no templo,*  
« *— O casco, o forte escudo, as refulgentes cnémides,*  
« *E as lanças mais crueis que o açoite das Euménides!*  
« *Tua proposta acceito, amigo meu... Porém*  
« *Tu que entre outros possues o inestimavel bem*  
« *De ser mui novo ainda, escuta a um pobre velho,*  
« *Que te quer como a um filho, um paternal conselho.*  
« *Gabas-te, amigo meu, da tua f'licidade*  
« *Que limites não vê: vives n'uma cidade,*  
« *Que p'la sua belleza as mais bellas humilha;*  
« *Doiram-te a vida azul os beijos d'uma filha;*  
« *Em divinos licor's dessedentas os labios;*  
« *Tens sempre ao pé de ti, tu que amas poetas, sabios,*  
« *Pythagoras d'um lado, e do outro Anacreonte;*  
« *E a almofada onde pões a somnolenta fronte,*  
« *Quando Morpheo lhe instilla o philtro perturbante,*  
« *E' o seio de jasmins e rosas, d'alva amante!*  
« *Nunca passou por ti a sombra d'um desgosto,*  
« *Nunca, empresa arriscada onde tivesses posto*  
« *Enthusiasmo e fé, deixou de consummar-se;*  
« *Nunca teve p'ra ti a Fortuna um disfarce;*

« *E nos combates mil que afrontas com valor,*  
« *Ou na terra ou no mar, és sempre vencedor !*  
« *És em excesso feliz, Polycrates ! Cuidado !*  
« *Que essa fama não chegue ao Olympo, e que, irritado,*  
« *Não te castigue o Olympo ! Os deuses com bons olhos*  
« *De certo não verão que os mínimos abrolhos*  
« *Se erriçaram jamais em teu flóreo caminho,*  
« *E que n'alma jamais se te cravou um espinho !*  
« *Existir é soffrer ! Angustias, sobresaltos,*  
« *Ninguem os desconhece, e até os deuses altos*  
« *Em rudes afflicções por vezes se consomem !*  
« *Não, f'licidade assim não é propria d'um homem !*  
« *Ora pois, se tu quer's, amigo, conservar*  
« *Parte d'essa fortuna incrivel, singular,*  
« *Toma aquillo que mais estimas n'este mundo*  
« *E arremessa-o de prompto ao mar verde e profundo,*  
« *A ver se um deus, calmada a inveja, e satisfeita,*  
« *Do que ainda te ficar como um penhor o aceita ! »*

AGAMEDES

E agora o que fará Polycrates ?

ARCHIAS

Ouvi,

Que ao ler avisos taes sorriu, como sorri

Dos reparos do pae, leviano adolescente.  
 Algo ficou, porém, minando surdamente  
 Na sua consciencia ; a missiva releu  
 Com sisuda attenção, e por fim resolveu  
 Lançar ao mar, que além sussurra e se encapella,  
 O precioso firmal com que os rescritos sélla.  
 Esse firmal, obra do ourives Theodoro,  
 E' um pesado anel, onde, entre folhas d'ouro,  
 Como estranho astro-flor, uma esmeralda brilha ;  
 E com ser d'alta arte excelsa maravilha,  
 E' para o nosso rei, d'amor grata lembrança,  
 Pois ostenta com viva e inteira semelhança,  
 Na glauca gemma aberto, o retrato de Aglae,  
 A amante que lhe deu a gloria de ser pae !  
 E' amanhã que a joia ao mar será lançada...

Archias volta-se rapidamente, e  
 fica-se a olhar para os lados  
 da vinha.

AGAMEDES

O que é que estás a olhar ?

ARCHIAS, com um gesto de silencio :

Cala ! Não digas nada !

Par'ceu-me ver passar uma sombra na vinha...

Vou ver o que será...

Exit.

## SCENA III

*Agamedes e o Côro das Sombras.*

AGAMEDES

A noite se avizinha...

Ai de mim ! Já me espera o leito, onde tristonho  
Só terei p'ra abraçar, um phantasma n'um sonho !

CORO DAS SOMBRAS, cantando ao longe :

No bosque de myrtos que em Chypre rodêa  
Seu templo rosado p'la luz vespertina,  
Dormita na relva, que ás brisas ondêa,  
A deusa cyprina.

Embalam-lhe o somno, com vozes sonoras,  
Gabando-lhe os olhos suavissimos d'ouro,  
As Graças, os Jogos, os Risos e as Horas,  
Em languido côro...

Como o ar é soturno, mil pombas de Messa,  
Pasmadas da alvura da sua nudez,  
Avoejam-lhe em torno da loura cabeça,  
Refrescam-lhe a tez...

Lastimam-se as aguas por entre as folhagens,  
As aves e as feras suspiram d'amor,  
E astraes libellinhas transmittem mensagens  
De flor para flor...

Mas Cypris acorda... Um zephyro brando  
As queixas lhe trouxe do puro Agamedes ;  
E Cypris exclama, gentil, bocejando :  
— *Terás o que pedes...*

SCENA IV

*Agamedes, Archias e Melissa.*

A VOZ DE ARCHIAS, ao longe :

Ladra !

A VOZ DE MELISSA

Perdão ! Perdão !

A VOZ DE ARCHIAS

Os cachos eram doces ?

Pois amargál-os vaes !

A VOZ DE MELISSA

Tinha fome !

A VOZ DE ARCHIAS

Não fosses

Uma ladra como és, pedindo, alcançarias

Quanto quizesse !

As vozes vem-se approximando.

A VOZ DE MELISSA

Ai !

A VOZ DE ARCHIAS

Nada de gritarias !

A VOZ DE MELISSA, cada vez mais lastimosa :

Por Zeus, não me magoes !... Arrancas-me os cabellos

A VOZ DE ARCHIAS

E tu não me arrancaste os cachos, os mais bellos  
Da vinha ?

A VOZ DE MELISSA

Onde é que vou ?

A VOZ DE ARCHIAS

Não sejas curiosa,

Em breve o saberás !

Apparece Archias, puxando com brutalidade e furia os cabellos e a roupa de Melissa, que mal se defende, debulhada em lagrimas.

AGAMEDES

Que é isso ?

ARCHIAS

Uma raposa



Que eu na vinha agarrei... E então o que ella come !  
Se eu lá não vou...

MELISSA, deitando-se aos pés de  
Agamedes :

Perdão ! Eu tinha muita fome,  
E o Termo, quando entrei, não me ralhou... sorriu !

AGAMEDES, dirigindo-se energicamente  
a Archias, que não larga Melissa :

Archias, endoideceste ? Então que desvario  
E' o teu ? Larga de prompto essa gentil creança !

Curva-se para Melissa, levanta-a  
carinhosamente nos braços e  
senta-a n'um intercolumnio do  
portico :

Vamos, não chores mais ! Senta-te aqui, descança,  
E que a alegria doire essa carinha triste...

Para Archias, com aspereza :

Archias ! Pois ainda estás ? Acaso não lhe ouviste  
Dizer que tinha fome ? Anda, prepara a ceia !

ARCHIAS, encaminhando-se para casa,  
a resmungar :

Bello ! Dá-lhe um banquete em vez d'uma tarefa !

Exit.

AGAMEDES

Como te chamas tu ?

MELISSA

Melissa.

AGAMEDES

Um nome lindo,  
Que cheira ao mel silvestre e ás roseiras do Pindo !  
És de Samos ?

MELISSA, enxugando os olhos, e concertando os cabellos desgrenhados :

Nasci na rica e sábia Athenas...

AGAMEDES

Onde eu nasci tambem...

MELISSA

Devéras ?

AGAMEDES

Sim.

MELISSA

Apenas

Quarenta dias ha, que eu deixei nossa terra,  
E já, de a recordar, no meu peito se aferra  
Uma saudade immensa... Ai, que infeliz eu sou !

AGAMEDES

Mas que benigno vento a Samos te guiou ?

MELISSA

Orphã de pae e mãe...

AGAMEDES, interrompendo-a :

Como eu...

MELISSA

Será verdade ?

Filhos da mesma terra e irmãos pela orphandade ?

AGAMEDES, sorrindo :

E mais que irmãos talvez... Sabes tu o que os dias  
Futuros nos trarão ? Continúa. Dizias...

MELISSA

Orphã de pae e mãe, uma velha parenta,  
Rodoclêa de nome, e d'alma ferrujenta,  
Tomou-me para casa, e encheu-me de trabalhos,  
Cobrando eu por salario um caldo negro e ralhos,

Felicissima quando a velha, em furia louca,  
Não me vinha zurzir co'a esguedelhada roca.  
Se ao bosque ia por lenha, ou quando, ás tardes, ia  
A' fonte, — qual ladrão, não andava, corria,  
Mas ao voltar, trazendo em sangue estes meus pés,  
Punha-se ella a gritar : — « *Que lesma que tu és !* »  
E aquelle resingar jamais tinha uma pausa !  
Mesmo a sonhar, ralhava ! Era por minha causa  
Que o vento arrepelava as fructeiras na horta,  
Que se toldava o vinho, e que rangia a porta,  
Que chovia demais, e se escondia o sol !  
Fôra eu que chamára um meigo rouxinol,  
E que atiçava os cães p'ra lhe tirar o somno !  
Tudo isto ella dizia aos mais com duro entono ;  
E quanto a mim, harpia insoffrivel, medonha,  
Tinha bôca de rã e nariz de cegonha,  
Era porca, malcreada, impostora, indolente,  
Um mixto de raposa e vibora e serpente,  
N'uma palavra, — o ser mais tredo e mais immundo,  
Que tem havido, que ha e que haverá no mundo !

## AGAMEDES

De Zeus, morre o innocente aos raios deshumanos,  
E uma mulher tão má chega a provectoros annos !

## MELISSA

Fartei-me ! Certo dia, encontro no caminho  
Um joven mercador, que fôra meu visinho,  
E que amavel me diz : — « *Que magra que tu andas !*  
« *Que fazes tu ?* » Contei-lhe as coisas execrandas,  
Que a velha me fazia... Elle, fingindo doer-se  
Da minha narraçãõ, n'um ponto a cortou cerce,  
Exclamando : — « *Pois bem ! eu te livrarei d'ella !*  
« *Sou moço e apaixonado, e tu dócil e bella !*  
« *Ligando-nos, `os dois faremos boa liga,*  
« *E assim, se tu quizer's, minha infeliz amiga,*  
« *Iremos amanhã para a ilha de Paros !* »  
Na seguinte manhã, meus olhos ledos, claros,  
Do cabo Sunium, entre um nevoeiro d'opalas,  
Viam sumir-se, ao longe, o pennacho de Pallas,  
Que, da Acrópole augusta, a cidade vigia...  
Charmis, que em Paros fez bom negocio, vivia  
Alegre como um rei : amava-me e comprou-me  
Um lindo bracelete onde estava o meu nome  
Todo escripto a rubins. Em célere navio,  
Algum tempo depois, largámos para Chio.  
Ahi foi-nos adversa a fortuna... E o peor  
E' que foi lá tambem que eu vi o falso amor

De Charmis, como elle era : o gôsto, a fome apenas  
De uns dias possuir meu corpo d'açucenas,  
Timido e virginal.

Ante essa crueldade,  
Cheguei de Rodoclêa então a ter saudade !  
A gentileza, o mimo, os constantes sorrisos,  
Com que elle me falava, enchendo de narcisos  
O trilho dos meus pés, transmudaram-se breve  
Em gestos sêccos, de aço, e em palavras de neve !  
Melissa, a ingenua flor, que para Charmis fôra  
A gloria, o encanto, a luz e a propria vida, agora,  
De seducções despida, era uma sombra e um fardo !  
Os cognomes gentis, perola, estrella e nardo,  
Que me dera ao principio, em horas de ternura,  
Nunca mais lh'os ouvi ! Coberta d'amargura,  
Uma noite, ao luar, vim com elle p'ra Samos,  
Onde hoje de manhã por fim desembarcámos . . .

Desembarcando, o infiel transformára-se : era outro !  
Aquelles repellões de resabiado potro,  
Com que elle me acolhia, extinguiram-se . . . Bella  
Novamente me achou ; perola, nardo e estrella,  
Assim por sua voz fui de novo nomeada !  
— Mas tudo isso eram flor's tapando uma cilada !

Depois de termos visto as ruas principaes,  
Templos, thermas, o estadio, o aqueducto e o caes,  
D'um cedro colossal á sombra acolhedora  
Fomos comer...

Jamais Charmis, o ingrato, fôra  
Tão risonho e gentil... A um escravo que nos trouxe  
Um favo, eil-o a gritar: — « *O que trazes? Mais doce*  
« *E' a bôca de Melissa!* » Achando o vinho aguado  
Toma a infusa de grês, fingindo-se zangado,  
E diz-lhe: — « *Infusa vil! socia dos traficantes,*  
« *Em vez de ter's amado as rapidas Bacchantes,*  
« *Andaste a namorar as Naiades dos rios...* »  
E gracejava sempre!... Em ternos amavios,  
Vestia-me d'amor o seu quebrado olhar,  
E depois de, perverso e falso, me abraçar  
Com fingida paixão, ergue-se de repente,  
Diz-me: « *Espera um instante!* » e parte...

Ingenuamente,

Deixo-o partir, e fico a ver por distracção  
As abelhas nas flor's e as formigas no chão...  
Passa o tempo...

Do cedro a sombra tenue e vasta,  
De meus inquietos pés a mais e mais se afasta...

E Charmis sem voltar ! Assusta-me a demora.  
Uma hora d'afflicção succede a outra hora ;  
Já terceira começa... Emfim, sem me conter,  
A' busca d'elle parto, a chorar e a tremer...  
De tal modo me céga e desvaira a desgraça,  
Que umas seis vezes vou parar á mesma praça !  
Não o vendo na cidade, á praia corro, d'onde,  
No momento em que o sol entre nuvens se esconde,  
Ao musical bater dos seus sessenta remos,  
Se aparta com nobreza a nau em que viémos.  
A todos quantos vejo, anciosa e soluçante,  
Peço em humilde voz novas do meu amante :  
Este não me responde, aquelle encolhe os hombros,  
Até que, finalmente, — assombro dos assombros !  
Um velho que chegou comnosco hoje, de Chio,  
Diz, vendo-me : — « *Lá vae ! Vae n'aquelle navio !* »  
E o navio já longe ! O que senti não o sei,  
Nem o que fiz depois... Lembro-me só que andei  
Por veigas, pinheiraes, fragosas cumieiras,  
Que a tunica rompi nos cardos, nas silveiras,  
Doida, sempre a correr, qual se andára sem norte  
A agarrar uma sombra ou a fugir da morte !  
Por ultimo, cancei... A sêde me abrasava,  
Uma sêde infernal ! Parei exhausta... Estava



A' porta d'esta vinha... Assim que a minha vista  
Cançada lobrigou mil cachos d'amethysta,  
Entrei e desviando os pampanos de bronze,  
Colhi, não foram mais! uns dez bagos ou onze!

## AGAMEDES

Pobre, infeliz Melissa, em tua casa estás:  
Não ha galas aqui, mas aqui acharás,  
Longe do mundo vão, dias puros e lisos...  
Quando fôr duro o pão, comer-se-á com risos!  
Podes confiar em mim sem o minimo receio...

Fitando Melissa demoradamente:

Sendo linda como és e doce como creio,  
Talvez... quem sabe lá?...

Mas se o teu coração

P'ra amante me não quer, terás em mim um irmão.

## MELISSA

A tua escrava sou.

## AGAMEDES

Não, Melissa! Eu te juro  
P'los deuses immortaes, sem medo que o futuro  
Me traga a punição d'um falso juramento,

Que nunca, em dia algum, nem mesmo em pensamento,  
Um beijo, ouve-me bem ! um beijo só que seja  
N'essa bôca darei, sem que primeiro veja  
N'esses olhos azues uma chamma d'amor !

MELISSA, agarrando, commovidissima, as mãos de Agamedes, e beijando-lh'as :

Senhor !

AGAMEDES, chegando-a a si com ternura :

Ah ! podesse eu sacudir tua dor  
N'um prompto, como quem sacode o pó da tunica,  
Ah ! podesse eu — ventura inegualavel, unica ! —  
Arrancar da tua alma a imagem negregada  
D'esse Charmis infiel !

MELISSA, tapando os olhos com as mãos :

Como eu sou desgraçada !

AGAMEDES

Dize, amával-o, muito, immenso . . . não é certo ?

## MELISSA

O que hei eu responder? Dir-se-ia que' desperto  
D'um sonho escuro, atroz... Não! eu julgava amál-o:  
Mas ouvindo-te a ti, um tão gostoso abalo  
Me agita e me perturba; a tua voz divina  
Com tão forte poder meu coração domina,  
Essa voz atravez da qual me sinto entrando  
N'um mundo novo d'explendor's, risonho e brando,  
Que reconheço emfim por fallaz embusteiro  
O amor que julguei ser vehemente e verdadeiro!

Vendo-me entrar aqui, ladra, faminta e rota,  
Desfeada pela dôr, qual vagabunda idiota,  
Triste o teu doce olhar, porque o meu era triste,  
Não recuaste assombrado e não me repelliste,  
Mas sim correste a pôr com leves mãos piedosas  
Meu frido coração n'uma cama de rosas!  
A' victima do amor, á creança illudida,  
Para quem se fechara em densa noite a vida,  
Gritas com terna vez: « *Espera! Crê! Não chores!*  
« *Eros que te feriu coroar-te-á de flores!* »  
E á escrava que, ao sentir a tua caridade,  
Gratissima e confusa e cheia de humildade,  
Por não ter mais que dar, o corpo nú te off'rece,

Respondes : « *Ainda não!* »

Deixando cair a cabeça sobre o  
peito de Agamedes :

Se minha mãe vivesse,  
Não seria melhor p'ra mim do que tens sido !

AGAMEDES, beijando-a castamente na  
testa :

A vida nos será verde jardim florido !  
Porém, Charmis . . . Não sei que genio mau me impelle  
A interpôl-o entre mim e ti, a pensar n'elle !  
Charmis !

MELISSA

Ante essa dôr a minha se renova  
Não ! crê-me, eu não o amei ! Tão simples como nova,  
Ouvindo aquella voz, treda mas d'um som lindo,  
Atraz d'elle parti, qual menino que, ouvindo  
Um ribeiro a cantar, vae beber sem ter sêde !

AGAMEDES, abraçando-a e beijando-a  
apaixonadamente :

Melissa, amo-te muito e muito ! Escolhe, pede,  
Tudo haverás de mim !

Vendo-a quasi desmaiada :

Que tens ?

MELISSA

Fazes-me tonta :

Coméço a ser feliz...

ARCHIAS, apparecendo á porta :

A ceia já está prompta.

Abraçados, revendo-se um no outro, Agamedes e Melissa dirigem-se lentamente para casa.



TERCEIRO ACTO





## TERCEIRO ACTO

*A officina de Agamedes. Largo pateo cercado por muros altos d'onde se debruçam pampanos das ramadas exteriores, carregados de cachos. Ao fundo, uma porta sobre o mar. A' esquérda, debaixo d'um telheiro aberto, resplandece uma estatua de Venus, obra de Agamedes, para a qual Melissa serviu de modélo. Em volta, estatuetas e bustos.*

### SCENA I

*Agamedes e Melissa.*

A meio do pateo, Agamedes modéla em cera uma figurinha de Satyro. Melissa contempla silenciosamente a estatua.

MELISSA, voltando-se para Agamedes :

Dize : tão linda sou como tu me fizeste ?

AGAMEDES

Que me perguntas tu ? Pois não surprehendeste  
Os escrupulos mil, os cuidados e o zêlo

Com que eu, tendo-te ahí despida, por modêlo,  
Louco d'inspiração e d'amor tambem louco,  
Cortei de modo tal o scintillante bloco,  
Que fosse p'ra o teu corpo harmonioso e puro  
O que para o cypreste é o seu reflexo escuro  
Nas aguas da piscina; e o echo é para a voz ?

MELISSA, olhando para a estatua,  
cheia de desconsôlo :

Não sou tão linda !

AGAMEDES

Quando, ó meu amor, a sós  
Comtigo, n'este quadra, á luz aurea do dia,  
Trémulo desatava o cinto que prendia  
Tua tunica, não me viste muitas vezes  
Como que a remoer desditas e revezes,  
Sentindo-me incapaz de dar á pedra dura  
Uma sombra sequer da tua formosura ?  
Mas teus beijos d'amor levantavam-me logo !  
Retomava o cinzel com exaltado fogo  
E qual se a mão d'um genio a minha mão guiasse,  
Palpitavam na pedra as linhas d'essa face,  
Do teu dorso de prata a ondulação maviosa,

E a graça do teu rir, que é uma estrella e uma rosa !

Fitando a estatua :

E' bella a estatua, sim ! tão bella, que duvido  
Se fui eu que a formei, eu, um mortal tolhido  
P'la humana imperfeição ! E' bella ! mas é bella  
Porque és tu mesma, tu, Melissa ! Olha para ella,  
Despindo-te, e verás, vendo-te e a ella nuas,  
Que as suas perfeições são a copia das tuas,  
Que um encanto não tem que tu, amor, não tenhas !

Que fundas commoções deliciosas e estranhas,  
Não senti ao lavrál-a em fervidos anceios !  
Não te lembras de quando eu lhe fiz os dois seios ?  
Foi de manhã . . .

Entraste aqui quando eu, de leve,  
Do seu peito amaciava as collinas de neve,  
Cheio d'hesitação . . .

« *Olha !* » disseste tu, /

E o seio me mostraste, o seio todo nu,  
Arfante e rescendente . . . Um campo embalsamado,  
Cheio de lirios só ! Ao vêl-o, deslumbrado,  
Beijo-o com beijos mil, demorados e lentos,  
Palpo-o com mãos febris, sigo-lhe os movimentos,  
E emfim, qual se o levára a elle e aos seus segredos .

N'estes olhos, na bôca e na polpa dos dedos,  
 Voltando a trabalhar, com inspirado brio,  
 Com divino furor no marmore o copio !  
 Prompto !

Os peitos da estatua eram teus proprios peitos  
 Tão par'cidos com os teus, tão eguaes, tão perfeitos,  
 Que desvairado fui osculál-os, ligeiro,  
 E a cabeça deitei no alvo desfiladeiro  
 Que os separa...

MELISSA

E então vi a asa d'um desgosto  
 Nos teus olhos ; chamei-te, e aconcheguei teu rosto  
 No meu seio arquejante, onde, já menos triste  
 De não seres um Deus, conformado, sentiste  
 O que esses seios vãos não tinham, — o calor,  
 É dentro um coração a palpitar d'amor !

Pequeno silencio, durante o qual  
 Melissa, de cabeça baixa, fica a  
 olhar o chão vagamente.

AGAMEDES

Melissa, o que é que tens ? Como o cego erradio  
 Reconhece p'lo ar que vae chegando a um rio,  
 Assim, p'la tua voz, presinto funda magua

Na tua alma. Quaes céos annunciando agua,  
Assim os olhos teus se ensombram...

MELISSA, com voz debil e triste :

Nada tenho...

AGAMEDES

Não, tu tens qualquer coisa... Ha dias que te estranho...  
Acaso não será de Charmis a saudade ?

MELISSA, como se a picassem :

Por Zeus, não digas tal !

Saberás a verdade !

Ha dias que, a fugir de ti, soluço e gemo,  
Presas de incrível dor...

AGAMEDES

Porquê, Melissa ?

MELISSA

Tremo,

Tremo só de pensar que a amas mais que a mim !

AGAMEDES

A quem, Melissa ?

MELISSA

A' estatua !

AGAMEDES

A' estatua ?

MELISSA

Quando vim

Hoje, ao alvorecer, para dar-te os bons dias,  
Sofrendo um temporal de íntimas agonias,  
A agonisar d'horror, surprehendi-te a beijál-a !

AGAMEDES

Melissa . . .

MELISSA, sem o ouvir :

Tens razão. Sim ! tu deves amál-a,  
Amál-a, meu amor, bem mais que a mim, pois ella  
E' mais bella do que eu, cem mil vezes mais bella !  
E não lhe quero mal, ao teu gelado encanto,  
Amor do meu amor ! Se chóro tanto e tanto  
E' por ver feitos pó os meus aureos desejos,  
Por ver, pobre de mim ! que os teus calidos beijos,  
Brilhantes como soes, e brandos como luas,  
Beijos que eram só meus, agora são de duas,  
Que lhe dá os do amor, e a mim os da piedade !

## AGAMEDES

Mas socéga, Melissa, e ouve, por caridade !

## MELISSA

Tens razão, tens razão ! Invejo-lhe o destino,  
E aquelle ar que eu não tenho, olympico, divino,  
Aquella placidez divinamente branca !  
Agamedes, meu bem ! rasga o meu peito, arranca  
De lá meu coração, que tanto e tanto soffre,  
Mette-o dentro da estatua, assim como n'um cofre,  
E quando a for's beijar, tu, que por ella almejas,  
O triste pulsará, julgando que me beijas !  
Quizeste retratar-me, amor, mas ao modêlo  
Sobrepozeste, insciente, o sonho vago e bello  
Da tua alma sem par. Não fui modêlo, não !  
Vias teu sonho e não a mim ! Na tua mão  
Fui o que a lyra é na mão do tocador !  
E á proporção que a estatua augmentava em esplendor,  
De Cypris tendo a graça, e o ar calmo d'Athenea,  
Cada vez, cada vez me achava eu mais feia !  
Teu amor me vestira um dia de belleza  
E sem me ver's a mim, do teu culto surpresa,  
Em mim vias, — engano abençoado e doce ! —  
Aquelle ser que tu desejárás que eu fosse...

Porém, lavrando a pedra, aos poucos me despias  
Das mesmas perfeições que em luminosos dias  
Me deras com paixão, e que eu achava agora  
Despontando, quaes flor's, na estatua encantadora.  
Desfeando-me a mim tornával-a mais bella !  
Despojando-me a mim e enriquecendo-a a ella,  
Ficou sendo o que eu era a estatua alvinitente,  
E eu apenas fiquei o que sou realmente !  
Assim, vendo-a acolá, afflicta e lastimosa,  
Sinto a dor que retalha a atraçoada esposa,  
Se da loira rival sobre a garganta nua  
Fina medalha vê que em tempo já foi sua !

AGAMEDES

Mas ouve-me, e socéga um instante, desvairada !

MELISSA

Já não me tens amor, tens dó de mim, mais nada !

Rompe a chorar convulsamente.

AGAMEDES, acarinhando-a

Beijava-te, meu bem, beijando a estatua fria !  
Beijei-a, meu amor, como beijei um dia



O espelho circular, de bronze, onde te miras,  
Como um dia bebi a agua de saphiras  
Do lago á flor do qual, batida pela aragem,  
Desbotava e tremia, airoso, a tua imagem . . .  
Desde a hora em que a vi, vejo a tua belleza  
Dispersa a palpitar por toda a natureza !  
Se é tão brilhante o sol que aquece e doira o mundo,  
E' porque o doira e aquece o nosso amor profundo ;  
Se estão no curvo azul tão vivas as estrellas,  
E' porque, meu amor, olhaste para ellas ;  
Se exalam tanto aroma as flor's da primavera,  
E' porque as lindas flor's estão á tua espera ;  
Se é tão doce o arrulhar da rôla em seus adejos,  
E' porque ouviu na sombra a voz dos nossos beijos !  
Tua belleza, amor, deslumbrante, infinita,  
Que a exaltação acalma e a mansidão agita,  
Que enter necera leões e brancas penedias,  
Que aos mais cobardes déra epicas valentias,  
Não cabe no teu corpo alvo, fino e ligeiro,  
Fulgurando irradiá e enche o universo inteiro !

## MELISSA

Em tudo o que te cérca, amigo, vês apenas  
Meus olhos, minha voz, meu corpo d'açucenas ;

Vês-me no céu azul e achas em mim o céu,  
Espalhas-me p'lo mundo e o teu mundo sou eu !  
No seu egoísmo atroz, o amor que me endoidece  
Só quizéira, porém, que tudo percesse,  
Que a hyena e o rouxinol, desertos e cidades,  
Sombras da noite e matutinas claridades,  
Mansos rios, vulcões, florestas e campinas,  
Homens, profundos mar's e estrellas diamantinas,  
Tudo em pó se fizesse, e que o mundo depois  
Ficasse reduzido apenas a nós dois !  
Então sim ! Então sim ! Todo te possuira !  
Então fôras só meu, só meu ! Então sentira  
Que ninguem me roubava, ó luz que me allumias !  
Não tendo mais que olhar, só p'ra mim olharias !  
Não havendo mais flor's, então não comparáras  
Meus alvos seios nus ás anemonas raras,  
Aos lirios virginaes e aos candidos jasmims !  
Morto o vento fugaz, da brisa dos jardins  
Não chamarias gemeo ao meu halito doce !  
E como toda a luz no céu extincta fosse,  
Não irmanáras, tu que a amar-me te desvelas,  
Meus cabellos ao sol, meus olhos ás estrellas !  
Tendo-me só a mim, com deslumbrado' amor  
Em mim acharás tudo, a luz, o arôma e a côr !

Apoiando-se ao hombro de Agamedes :

O amor que te consagro e aquelle que me votas,  
Como ephebos gentis mergulhados no Eurotas,  
Podem medir-se bem no estadio da nossa alma,  
Sem que um fique vencido e o outro obtenha a palma.  
Na fôrça immensa eguaes, eguaes na lealdade,  
Irmãos pela constancia, e irmãos p'la insaciedade,  
Buscando o mesmo ideal, cegos p'los mesmos brilhos,  
Com ancias deseguaes, vão por diversos trilhos !  
Emquanto, amado meu, deixando de me ver,  
Me espalhas pelo mundo, e encontras o meu ser  
Em tudo quanto vês no caminho onde vaes,  
Eu só te vejo a ti, ceguei p'ra tudo mais !  
Na loucura fatal que ha tempos te domina,  
Não quer's ver o clarão, mas o que elle illumina !  
Mais doce do que a lua é para ti o luar !  
Qual namorado és, amigo, que em lugar  
De correr para a voz corresse para o echo !

#### AGAMEDES

Sim ! porque a voz morreu . . . mas do cômodo sêcco  
Seu phantasma reflue ; e sendo a voz tão linda,  
Tão cheia de ternura e de bondade infinda,

De promessas leaes e argentina fluidez,  
Uma lástima fôra ouvil-a uma só vez !

MELISSA

Agamedes, como eu te amo e como eu quizera  
Ser muito pequenina, ainda mais do que era  
Quando á vida cheguei ! Eu, cuja anciosa bôca,  
Se me beijas os pés, fica a chorar-se louca,  
Eu, cujo dorso treme em doloridas linhas,  
Se com dedos de luz a testa me acarinhas,  
Como eu quizera ser miudinha !

AGAMEDES

Que desejo !

De que tamanho então ?

MELISSA

Do tamanho d'um beijo !

AGAMEDES

D'um beijo ? E para quê ?

MELISSA

Para que, mais ditosa

Do que Diana, ao entrar na gruta mysteriosa  
Do bello Endymião, em passadas subtis,  
Para que, mais feliz, mil vezes mais feliz  
Do que Thetis depois da celebrada boda,  
Com um só beijo, um só ! tu me beijasses toda !

## AGAMEDES

Sabes como eu te adoro e sei quanto me adoras :  
Não ensombremos pois as perfumadas Horas,  
Que, ao passarem por nós no chão da mesma estrada,  
Páram para nos ver, e co'a fronte voltada  
Ficam tempos sem fim a olhar-nos, minha flor...  
Amemo'-nos ! porém, sem reflectir no amor !  
Se a agua é fina, que importa o penhascal que a deita ?  
Rude o tempo achará quem o desaproveita :  
Beijemo'-nos, receando as suas reprasalias...

## MELISSA

O tempo, dizes bem, tem asas nas sandalias...

Beijam-se e abraçam-se longa-  
mente.

## SCENA II

*Os mesmos e Anacreonte.*

Entrando pela porta do fundo Anacreonte estaca ao ver Agamedes e Melissa ainda abraçados, e só avança quando elles se desençam.

## ANACREONTE

Bem fiz eu em cá vir ! Ha dias que não ouço  
Senão lamentações e gritos d'alvoroço,  
Prophecias fataes e adeuses compungidos...  
Aqui, pelo contrario, estreitamente unidos,  
Vós dois dizendo estaes, quebrados de ternura,  
Que não é um sonho só n'este mundo a ventura,  
E que, se um sonho é, levando o Amor ao lado,  
E' um sonho encantador que se sonha acordado !

## MELISSA

Sê bemvindo !

ANACREONTE, recuando um passo ao  
ver a estatua :

Que vejo ? Assombro ! Maravilha !

Treme, Deucalião ! Um mortal, n'esta ilha,  
 Dos teus feitos repete agora o mais famoso,  
 Fazendo d'uma pedra um ser vivo e gracioso !

Para Melissa :

Ah ! que feliz tu és, Melissa, em ter um amante  
 Como tens ! A agua quieta e o espelho scintillante  
 Não reflectem melhor tua nudez d'estrella :  
 Olho-a e vejo-te a ti, olho-te e vejo-a a ella !

AGAMEDES, para Melissa :

Ouves ?

Para Anacreonte :

Melissa diz que a aformoseei . . .

ANACREONTE, para Melissa :

Cegaste ?

Não é a tua irmã, és tu ! A mesma haste  
 Não produz duas flor's tão eguaes !

Se não fôra

O luto que me cobre o coração agora,  
 A Cypris, mãe do Amor, um hymno composéra,  
 Um hymno triumphal, cheirando a primavera,  
 Que as virgens mais gentis de Samos, coroadas  
 De lirios, de açafião e anemonas geladas,  
 Grinaldas baloiçando ao compasso das ondas,

Cantariam á estatua em baloiçadas rondas...

Mas ai!

MELISSA

Queres beber?

ANACREONTE, com tristeza:

Não!

MELISSA

Já não te conheço!

Anacreonte engeita o vinho que lhe off'reço,  
Elle que sempre está prompto a rir e a beber?

ANACREONTE

Pois beberei! Mas hoje é só para esquecer...

MELISSA, enchendo uma taça:

Que linda côr que tem!

ANACREONTE

Basta!

MELISSA

Só isto?



ANACREONTE

Só.

Molha de leve os belços no vinho  
e devolve a taça a Melissa.

AGAMEDES

Conta-me o que é que tens.

ANACREONTE

Polycrates lançou,  
Como sabido é, um anel precioso ao mar,  
Crendo que o Olympo assim, vendo-o sacrificar  
Essa joia a que tinha um tão cordeal apego,  
O deixaria em doce e constante socego  
Gosar de todo o resto...

Alguns dias andados,  
Desponta um pescador, que nos braços crestados  
P'la guieira e pelo sol, conduz, suando, um peixe  
Iriado, colossal. — « *Permitte que aqui deixe,* »  
Diz o lobo do mar, « *este prodigio. Nunca*  
« *De Samos no areal, que tanto peixe junca,*  
« *Se viu um peixe assim : repara, como é bello !*  
« *Polycrates, só tu é que deves comê-lo !* »  
Polycrates, que é sempre um magnanimo amigo,

Acceita a offerta e diz : — « *Comêl-o-ás comigo,  
« Comigo jantarás !* » E pegam conversando  
Em naus, navegações e pesca... Eis se não quando,  
Entra o huchão, a dizer em alta gritaria :  
— « *Olhae, no bucho o peixe esta joia trazia !* »  
Abre a mão : era o annel, o annel que tinha sido  
Arremessado ao mar !

Trémulo e commovido.

Polycrates o beija e no dedo o colloca,  
Chegando-o, p'ra o beijar, vezes sem conta a bôca.  
No palacio rompeu então alto bulicio !  
O Olympo recusára o duro sacrificio,  
E, devolvido o annel a Polycrates, nós,  
Quantos eramos lá, bem ouvimos a voz  
Dos Deuses, trovejando em furor sybillino :  
— « *Guarda, infeliz, o annel! Não se foge ao Destino*

D'essa voz escutando a retumbante ameaça,  
Vendo, negras, pairar mil aves de desgraça  
N'aquelle aureo salão, tão sumptuoso e lindo,  
Onde até sob os pés as gemmas se estão rindo,  
Ficámos a tremer, quaes se o gêlo das calmas  
Cumieiras do monte Ida entrára em nossas almas.  
Mas Polycrates, esse á voz divina surdo,

Achando natural aquelle excesso absurdo  
De ventura, que o annel perdido lhe trazia,  
Crendo-se mais que um deus, mirando o annel, sorria...

## AGAMEDES

Tudo isso ouvira eu já; mas á fôrça de estranho,<sup>1</sup>  
Não me canço de o ouvir mais vezes...

## ANACREONTE

Ouve, tenho

Muito que te contar. Inda não se apagára  
A surpresa e o terror causado pela rara  
Reapparição do annel, e festas e banquetes  
Seguiam-se joviaes, apparece de Oroetes,  
Que hoje vive em Magnesia e é Sátrapa dos sardos,  
Um moço embaixador, galhardo entre os galhardos.  
A que vem? A pedir o auxilio do tyranno  
Contra Kambyses, rei potente e deshumano.  
De tal auxilio em paga, Oroetes jura dar  
A Polycrates, se este á guerra o acompanhar,  
Metade do que tem, acrescentando, acceso  
Em vaidade, possuir tanto oiro como Cresos!  
Colhido p'la ambição, Polycrates não escuta  
Os amigos, como eu, que em porfiada lucta

Receando que a proposta encubra uma armadilha,  
O aconselham, leaes, a não sair da ilha.

AGAMEDES

Uma armadilha ?

ANACREONTE

Sim. Oroetes, que é soberbo,  
Deve maguado estar pelo desprêso acerbo  
Com que o nosso tyranno ha tempos acolheu  
E despediu calado um mensageiro seu.  
Polycrates, porém, não me attende, illudido  
P'la proposta fatal. . .

AGAMEDES

Dizem que um seu válido,  
Um tal Meandro, foi ver se o Sátrapa na Lydia  
Possuía o que dissera, ou se perfida insidia  
Sob aurea seducção andava cavillando. . .

ANACREONTE

Foi, é certo ; e o peor é que voltou, contando  
Com seus olhos ter visto anchas arcas repletas  
D'ouro fino, arrancado ao Pactólo, em palhetas.

AGAMEDES

E o que pensa fazer Polycrates ?

ANACREONTE

Agora,  
Insensível aos ais da filha encantadora,  
Que o beija n'uma dor tão funda como vã,  
Anciosamente espera o dia d'amanhã,  
Para, mais uma vez desafiando a Sorte,  
Partir...

AGAMEDES

P'ra Sardos ?

ANACREONTE, com amargura :

Sim... ou talvez para a morte !  
Vou-me... Adeus !

MELISSA, prendendo-o pela tunica :

Não te vás !

AGAMEDES

Fica !

MELISSA

Cearás comnosco !

## ANACREONTE

Já demais ensombrei com meu espirito fosco  
A vossa f'licidade. Hoje, que vos diria  
Senão cousas fataes, improprias da alegria  
D'este ninho d'amor? Hoje, a vida maldigo,  
Vendo que se escancára um abysmo aos pés do amigo  
Que sempre me tratou com fraterno desvelo...  
Quero com elle estar, talvez não torne a vê-lo!

## AGAMEDES

Vae! Mas triste ou jovial, assim me ajude Zeus,  
Serás sempre bemvindo, ó rouxinol de Téos!

## ANACREONTE

De Téos o rouxinol transformou-se em coruja!  
Seu mudado cantar não adóça, amaruja...  
Amanhã voltarei...

Encaminha-se para a porta.

## AGAMEDES

Não te esqueça o que dizes...

MELISSA

Não nos faltas, vê lá !

ANACREONTE, voltando-se para traz e  
fazendo um gesto de despedida :

Vós é que sois felizes !

Exit.

## SCENA III

*Agamedes e Melissa.*

AGAMEDES, sentando-se, pensativamente, sobre um bloco de marmore :

Felizes ?

MELISSA, approximando-se de Agamedes e beijando-o nos cabellos :

Eu por mim sou felicissima !

AGAMEDES

E eu

De tal modo feliz, que até em mim nasceu  
O assombrado terror de ser feliz de mais !  
Tremo que olhem p'ra nós os deuses immortaes !

MELISSA

Turba-me o teu falar ! Não me disseste ha pouco,  
Luz do meu coração, que era proprio d'um louco,  
Mas d'um louco varrido, alhear-se, por-se a gente  
A pensar no futuro, esquecendo o presente ?



Não taxaste, meu bem, de puro desatino,  
Que alguém tente desviar os golpes do Destino ?

## AGAMEDES

Assim foi, meu amor : mas devo confessar-te  
Que a aventura do anel, d'esse prodigio d'arte  
Arremessado ao mar e p'lo mar devolvido,  
Me faz pensar em nós, taciturno e abatido...  
Amasis tem razão...

Fortuna que ultrapassa  
Commedido limite é uma divina ameaça !

## Pequena pausa.

O pio camponez dirige-se á manada  
E escolhe entre as demais a vitella malhada,  
Saltadora e gentil, de rosado focinho,  
Cujo sangue em cachão, misturado com vinho,  
Ha-de em breve correr sobre a pedra do altar.  
A amedrontada rez, deixando-se apartar,  
Percebe que o aldeão com dedos indolentes  
A afaga e lhe dispõe nos cornos incipientes,  
De narcisos de neve um cheiroso festão...  
E logo, eil-a a mugir com terna gratidão,  
Tal a moça rendida ás caricias do amante,  
Ignorando, infeliz ! que essa mão afagante,

Que essa mão que lhe bate em macio compasso,  
Breve lhe ha-de embeber a choupa no cachaço !

O Destino é o aldeão e nós a rez singela...  
Quando virmos sorrir o Destino, cautela !  
Deve vir perto a dor, se nos roça o prazer,  
E a desdita a miudo, ai de nós ! quando quer  
Nossa taça rasar das mais cruciantes dores,  
Embuça-se, a cruel, n'um manto d'alvas flores !

MELISSA

Sentes-te, dize, então feliz em demasia ?

AGAMEDES

Pois não és minha amante ? A doirada ambrosia  
E' fel, talhante fel, se a comparo á doçura  
Do nosso grande amor... Os deuses lá na altura  
Podem ciumes ter de mim. Devo acalmál-os !

MELISSA

Como ?

AGAMEDES

P'lo soffrimento. Immolando os regalos,  
Que o meu sonho d'artista ainda ha pouco me dava,

Dizendo o ultimo adeus á Gloria que acenava  
Por mim com aurea voz, das eras porvindouras ;  
Lançando, tristemente, ás ondas gemedoras  
A maceta e os cinzeis, irmãos que eu estremecia ;  
Jurando nunca mais lavrar a pedra fria  
Na ancia de crear excelsas maravilhas,  
E fazendo afinal a tua estatua em estilhas !

MELISSA, aterrada :

Acaso enlouqueceste ?

AGAMEDES, desvairadamente :

E' certo, enlouqueci,  
Enlouqueci d'amor, d'amor, d'amor por ti !  
Enlouqueci, meu bem, e quero viver louco,  
Quero louco morrer !

MELISSA

Ouve, socega um pouco...

AGAMEDES

Socêgo ? só depois de destruir a estatua...  
Fôra uma presumpção ingenuamente fatua  
Querer possuir a um tempo a Gloria eterna e o Amor !

E o castigo depois ? Bem mais viva que a dor  
Que se faz annunciar, da qual se está á espera,  
E' a dor que de surpresa as almas dilacera.

MELISSA

Partir a estatua ! Não !... Peço-te, supplicante...

AGAMEDES

O artista ha-de morrer para salvar o amante !

Silenciosos, com as fronte abati-  
das, os dois amantes enca-  
minham-se para a vinha.

QUARTO ACTO



## QUARTO ACTO

*O mesmo scenario dos dois primeiros actos.*

### SCENA I

*Anacreonte e Melissa.*

A' volta d'um passeio, Anacreonte  
e Melissa entram vagarosamente  
pela esquerda.

MELISSA, parando :

Quando vaes ?

ANACREONTE

Amanhã.

MELISSA

Não nos deixes ainda,

Fica alguns dias mais...

ANACREONTE

Não posso, minha linda.

De Hipparco a esbelta nau que ha-de levar-me a Athena  
 Já cança de me esp'rar n'estas aguas serenas,  
 Deserta por voltar ao natalicio porto.  
 E' forçoso partir ! Além d'isso estou morto  
 Por deixar sem demora esta ilha, onde tudo,  
 Tudo o que d'antes ria e agora é carrancudo,  
 Por onde quer que eu vá, me recorda, ai de mim !  
 Polycrates e o seu calamitoso fim !  
 Polycrates ! Que horror ! Que desgraça ! E' medonho  
 Nem posso crer em tal ! Parece-me isto um sonho !  
 Polycrates, o sabio, o sumptuoso, o altivo,  
 D'Oroetes p'la traição, crucificado vivo !

Exaltando-se :

Euménides fataes, ó crueis vingadoras,  
 Não esp'reis que Oroetes desça ás plagas rugidoras  
 Do Tártaro, onde estaes ; vinde, vinde, inclementes,  
 A' terra, sacudi látegos de serpentes,  
 Fustigae-o sem dó, tirae-lhe os olhos vis,  
 E levando-o afinal em vossas mãos hostis,  
 Tão habeis em crear torturas inauditas,  
 Prendei-o á roda bem, de Ixion, rei dos Lapithas !

Para Melissa, acalmando-se :

Vê no que deu o mel dos meus cantos d'amor,  
 No que o meu riso deu !



MELISSA

E' justa a tua dor !

Mas se ficasses mais uns dias...

ANACREONTE

Não, não posso...

Abafo, morro aqui ! Um cruel alvoroço  
Me abala todo o ser ! Esta ilha encantadora  
Onde fui tão feliz, quasi que a odeio agora,  
A ella e ao povo seu, povo sem coração !  
Lycaspis sentiu mais a morte do seu cão  
Do que a do seu senhor ! Bathylo a mesma cousa !  
E Simalos, ouvindo a noticia horrorosa,  
Nem sequer adiou, alma de seixos, fria,  
A ceia que mandára arranjar n'esse dia !  
Eurypila, a venal, em vez de partilhar  
Minha amargura atroz, deixou-se captivar  
P'las drachmas infernaes de Lycon de Mileto,  
E uma noite passou com esse bode abjecto !  
De Polycrates chora a filha e choro eu,  
Folgam todos os mais. Ao deixar este céo,  
Saudades, levo-as só de ti e de Agamedes...

MELISSA

Mas fica um dia mais, só um !

ANACREONTE

O que me pedes,  
Não t'ó posso fazer.

MELISSA, amarguradamente :

Vaes-te, partes d'aqui  
No momento em que eu mais precisava de ti !  
Amigo, pois não vês como Agamedes anda  
Desde que ouviu contar a traição execranda  
D'Oroetes ? Elle que era atrevido e valente,  
De medroso parece uma donzella doente !  
Tudo o assusta : se vê na esmeraldina alfombra  
Um lagarto a fugir ou d'um passaro a sombra,  
Logo ali se detem, ficando côr de cidra,  
Qual se vira de Lerna a pavorosa hydra.  
Chicoteado p'la mão d'um soffrimento enorme,  
De dia não trabalha e de noite não dorme ;  
Vê-me e foge de mim como d'um inimigo,  
E ha uma decada já que não dorme comigo !

ANACREONTE

'Stá bem mudado, está. . .

MELISSA

Só tu, Anacreonte

Poderás afastar a nuvem d'essa fronte,  
Só tu, amigo meu, com tua voz amiga  
Podes reconduzil-o á doce paz antiga !  
Não ! não te vás d'aqui sem que primeiro a esp'rança,  
Como d'antes, lhe doire os labios de creança,  
Sem que um raio de sol extermine seus lutos,  
Sem que os seus olhos leaes, acalmados e enxutos,  
Como profundos céos cheios de meteoros,  
Voltem a olhar meu seio e meus cabellos louros.

## ANACREONTE

O tempo limpará o céo, das nuvens negras...

Voltando-se para a esquerda e  
avistando Agamedes ao longe:

Lá vem elle, acolá...

MELISSA, retirando-se:

Fala-lhe, vê se o alegras...

Melissa vae esconder-se furtivamente entre as alfarrobeiras e os cyprestes que ficam á direita da casa.

## SCENA II

*Anacreonte e Agamedes.*

Escondida entre as arvores, Melissa  
escuta com amarga attenção o  
dialogo seguinte :

ANACREONTE, dirigindo-se a Agamedes  
que entra pela esquerda, completa-  
mente desfigurado, excessivamente  
pallido :

Desde o romper do sol que ando á tua procura !  
Dize, d'onde é que vens ?

AGAMEDES

Não sei ! Minha amargura,  
Enleando-me, feroz, com truculentos braços,  
Nem me deixa attentar na senda dos meus passos !

ANACREONTE

Dormiste em casa ?

AGAMEDES

Não. Sob inflammado açoite,  
Passei a noite immensa a vaguear, toda a noite !

ANACREONTE

E assim deixas, cruel, Melissa, a pobresinha,  
Aguardando-te em vão no seu leito sósinha !

AGAMEDES

Não deves condemnar-me antes de ouvir-me ! Escuta :  
Ha longos dias já que ando em damnada lucta  
Comigo mesmo, fraco e miseravel ser,  
Que não faço o que devo . . .

ANACREONTE

E o que pensas fazer ?

AGAMEDES

Partir a estatua !

ANACREONTE

Não ! P'los deuses, te conjuro !  
Quando por um crystal visses o teu futuro,  
Ou da Sibylla a voz t'o houvesse revelado,  
Nem assim, por maior que fosse o teu cuidado,  
Deixáras de encontrar, alta, fria e severa,  
A' hora annunciada, a dor que te coubera !  
Edipo, o desgraçado, o cego rei thebano,  
Baldadamente ouviu o oraculo inhumano,

Que lhe falou em voz travosa como o absyntho !  
 Acautelou-se em vão, em vão deixou Corinthe :  
 Mal na Phocida entrou, foi logo parricida !  
 E depois de explicar, da Sphyngue emmudecida  
 O mysterio fatal, com esperteza nefasta,  
 Incestuoso entrou no leito de Jocasta !  
 Não se foge ao destino, amigo !

## AGAMEDES

Tens razão...

Mas Nemesis não traz um covado na mão  
 P'ra medir a fortuna, e um facho que irradia  
 Para queimar quem for ditoso em demasia ?  
 Acaso, meu amigo, acaso te esqueceste  
 Do estrondo com que ha pouco a colera celeste  
 Caiu, como brutal, cyclopica montanha,  
 De Polycrates sobre a flicidade estranha ?  
 E eu que sou mais feliz que Polycrates foi,  
 Hei-de os braços cruzar ?

## ANACREONTE

O verdadeiro heroe,  
 Se respeita piedoso os deuses, não n-ós teme :  
 Afagam-n-o ? Não ri... Trucidam-n-o ? Não geme...

Esp'rando, sem um tremor nos olhos indiff'rentes,  
Que o venham coroar de flor's ou de serpentes !

## AGAMEDES

Mostras, falando assim, não conhecer Melissa !  
Se soubesses os dons com que ella me enfeitiça,  
Inda acharias pouco, ó meu dilecto amigo,  
Quanto faço e farei, para ver se consigo  
Que o destino cruel m'a não roube !

Hontem, quando

Entrei na sua alcova, achei-a dormitando . . .  
Tão linda a vi então, que, vendo no sobrado  
Uma pluma ligeira e branca, deslumbrado,  
Quedei-me a perguntar se essa pluma seria  
Das asas d'uma pomba ingenua e fugidía  
Ou das asas do Amor, que, em languida surpresa,  
Tivesse estado ali, a admirar-lhe a lindeza !

Pausa.

Nua como uma rosa, eil-a a sonhar, tranquilla . . .  
Sobre a tripode posta, a lampada d'argila  
Com fixa luz, igual a uma lagrima d'oiro,  
Doira a sua nudez . . . Sob o diluvio loiro  
Da cabelleira astral, seu corpo mal se esconde,  
Delicioso jardim de primavera, aonde

De momento a momento abre uma nova flor !  
Approximo-me mais . . .

Sonha e sorri d'amor . . .

Nos labios de coral, seu halito infantil  
E' branda viração a louquejar subtil  
No verde laranjal das Hesperides . . . Sonha . . .  
Sonha e sorri d'amor . . . Sorri . . . Nua e risonha,  
Parece-me mais bella !

Abrasado em desejos,  
N'um doido frenesi, visto-a toda de beijos ;  
Beijo-lhe o dorso, o collo, a cabelleira espessa,  
Os hombros, beijo-a, emfim, desde os pés á cabeça !  
No seu corpo gentil minha bôca doideja  
Como um insecto . . . não ! como a vaga que beija  
Uma praia a fulgir . . . Como vaga amorosa,  
A minha bôca se espreguiça, amaviosa,  
No seu ventre, areal macio, onde com graça  
Da purpura do leito um reflexo perpassa . . .  
Como vaga a cantar em maviosas surdinas  
A minha bôca sóbe ás candidas collinas  
Do seu collo de jaspe, e atravessa de leve  
Suas pernas de deusa, alvas dunas de neve,  
E esquece-se a brincar, ao luar d'essa nudez,  
Com as conchinhas que são as unhas dos seus pés . . .



Gemente, aos beijos meus, distende os membros lassos,  
Abre os olhos, sorri... aperta-me nos braços,  
De cabellos me inunda e beija-me na bôca  
Com tão doido furor que quasi me suffoca !  
Mas subito, que horror ! entre os lascivos ais  
Que eu soltava, escutei :

— « *És ditoso de mais !* »

Da divina prisão, gelado, me desprendo,  
E levado p'la voz d'esse aviso tremendo,  
Colho um martello então, entro pela officina,  
E prompto a espedaçar a estatua peregrina,  
Busco-a, sentindo n'alma as cruciantes penas  
D'Agamemnon, o rei d'Argos e de Micenas,  
Quando ao altar levou, docil como as ovelhas,  
Iphigenia, alva flor de bastas sobranceiras !

Nunca a estatua até ali me par'cera tão bella !  
Meus olhos, a chorar, cerrei para não vê-la,  
O pesado martello alcei na mão crispada,  
E já ia a largar a barbara pancada,  
Quando ella me gritou :

— « *Olha-me ainda uma vez !* »

E eu subjugado olhei-a e caí a seus pés...

E ella continuou :

« *Antes que me espedaces,*  
« *Beija-me ainda uma vez o seio, a nuca e as faces,*  
« *P'ra que eu, ebria d'amor, cega de f'licidade,*  
« *Dos teus golpes depois não sinta a crueldade !*  
« *Quem me diria a mim, nas horas fugitivas*  
« *Em que lavraste ancioso as minhas fôrmas vivas,*  
« *Com ternuras de pae e namorado, então*  
« *Quem me diria a mim, que a tua bella mão*  
« *Nas caricias, alada, e no trabalho, firme,*  
« *Que a mão que me creou viria a destruir-me ?*  
« *Amante, amas Melissa, artista, tens-me a mim,*  
« *E forçado a abdicar d'uma de nós, afim*  
« *De assegurar da outra a idolatrada posse,*  
« *Por hostia me elegeste !*

« *A tua amante é doce*  
« *Como um favo de mel, brilhante como os astros*  
« *Que scintilam no azul : vêl-a é cair de rastros !*  
« *A belleza, porém, de que hoje em dia gosas,*  
« *Terá a duração ephemera das rosas !*  
« *A deleitosa pel' lucida e pennujenta,*  
« *Que os labios teus febris agora dessedenta,*  
« *O Tempo a engelhará, dando-lhe o dolorido*

« *Ar d'um fructo sem côr, n'um cofre, envelhecido !*  
« *Borboletas a rir n'um jardim de desejos,*  
« *As suas mãos de prata, enlevo dos teus beijos,*  
« *Ás quaes poetas e reis dariam, por beijal-as,*  
« *Odes cheias d'amor, urnas cheias de opalas,*  
« *Essas pallidas mãos soberanas e esguias,*  
« *Onde cobram mais luz as flor's e as pedrarias,*  
« *Ostentaráo, pedindo esmola, entre alvoroços,*  
« *A miseria dos seus desconjuntados ossos !*  
« *Sua bôca, ilha de luz mais linda que Cythera,*  
« *Ilha onde estão folgando a Aurora e a Primavera,*  
« *E onde a perola ri junto ao rubim vermelho,*  
« *Um poço ha-de par'cer, negro, atulhado e velho !*  
« *Mas tu, moço insensato, estas coisas esqueces ;*  
« *No seio de Melissa a razão adormeces,*  
« *E em breve, cego e tonto, aqui immolarás*  
« *Minha belleza eterna ao seu viço fugaz !*  
« *Eu, que formada fui para aos tempos vindouros*  
« *Mostrar, serena e pura, entre appolineos louros,*  
« *Do teu genio d'artista a excepcional grandeza ;*  
« *Que sempre mantivera, intacta, esta belleza,*  
« *De olympiadas mil ao convulso roldão ;*  
« *Destruida serei por tua propria mão,*  
« *P'la mão que me creou, que me insuflou a vida,*

« Destruída serei por ti, ó parricida !  
 « Por ti que assim prefer's, com louca ingenuidade,  
 « Uma hora de luxúria á immortalidade !  
 « Destroe-me ! Aqui me tens ! Mas ouve : ao esculpturar-me  
 « De tal maneira em ti, com inspirado alarme,  
 « Reservia a paixão e o genio, que esse fogo  
 « Toda me penetrou ! e, estatua, cri-me logo  
 « Quasi, quasi mulher ! Sob o escopro infallivel,  
 « Minha pedra ficou, como a carne, sensivel,  
 « E assim, algoz sem alma, abatendo o martello  
 « Sobre a minha nudez purissima, de gelo,  
 « Não te espantes se á luz das mil constellações  
 « Vir's o sangue jorrar da pedra em borbotões ! »

Calou-se.

Ia a quebrál-a... Ah ! mas n'isto, fitei-a :  
 Pallida e virginal, dava-lhe a lua cheia !  
 Par'cia respirar, alliciar-me e sorrir...  
 Era a vida, era o amor, era a graça e o florir  
 Da belleza e da luz !

Doido, fugi-lhe então,  
 E toda a noite andei a vaguear como um cão !

Revelando no rosto e na attitude  
 o maior solfrimento, Melissa

sae d'entre as arvores, e entra  
furtivamente em casa, sem ser  
vista.

## ANACREONTE

Sê razoavel : poupa a estatua scintillante  
E continúa a amar sem mêdo a tua amante,  
Livre d'apprehensões, como n'um galho em flor  
Uma ave a cantar...

## AGAMEDES

Ave a que o caçador  
Com frechada mortal, breve, interrompe o canto...

## ANACREONTE

Imita o ingenuo arroio...

## AGAMEDES

Esse louqueja tanto  
Por ignorar o fim que terá ; se o soubesse,  
Em logar de correr, talvez se detivesse,  
Pref'rindo com razão morrer ali, de vez,  
A ter de ser oceano e de lançar aos pés  
De viúvas a chorar, e d'orfãos esfomeados  
Restos d'embarcações e restos de afogados !  
Quem me déra ser ave e arroio ! Não sentira

A crua dor p'la qual meu coração delira  
 Prestes a succumbir ! Fosse eu ave erradia  
 Ou ribeiro veloz, como então cantaria !  
 Mas sou homem ! Pensando, o futuro me aterra :  
 Sei que tudo o que cobre e se agita na terra,  
 De terra, cedo ou tarde, ha-de um dia cobrir-se,  
 E que a ventura, irmã da refalsada Circe,  
 Se nos fecha co'a mão os deslumbrados olhos  
 E' para nos lançar n'um caminho d'abrolhos !  
 Sou homem, e ainda peor do que isso, namorado !  
 Namorado infeliz, que ao ver o objecto amado  
 Cheio de perfeições, que ao desnudar Melissa,  
 Sentindo-a minha só, docil, pura e submissa,  
 Junto, — e funesta dor me abala todo o ser,  
 Ao gozo de a possuir o medo de a perder !  
 Ah ! que inferno de vida !

## ANACREONTE

Estás cançado, amigo ;  
 Se te fosses deitar ?

## AGAMEDES

Vou... não posso comigo...

Agamedes dirige-se tristemente  
 para casa. Anacreonte senta-se  
 acabrunhado numa pedra.

## SCENA III

*Anacreonte e Melissa.*

Anacreonte levanta-se ao ver Melissa, que apparece embuçada n'um peplo branco, orlado de purpura.

ANACREONTE

Que quer dizer, Melissa, o traje em que te vejo ?  
Porque me escondes tu, com silencioso pejo,  
N'esse peplo de lã teu rosto, irmão da Aurora ?

MELISSA

Adeus !

ANACREONTE

Mas onde vaes, Melissa ?

MELISSA

Vou-me embora !

Desembuçando-se, e olhando em torno, inquietamente :

De Samos larga em breve uma nau para Scyros,

Segundo Archias contou ; afogada em suspiros,  
Mordido o coração por cem dentes de ferro,  
N'essa nau partirei para incerto desterro !

ANACREONTE, fóra de si :

Zeus ! Nem penses em tal !

MELISSA

Irei : não me dissuades...

Nas arvores occulta, em crueis anciedades,  
Cega d'amor, cega de dor, cega de pranto,  
Acabo de escutar, amigo, tudo quanto  
Agamedes te disse, e ouvindo-o comprehendí  
Que nem um instante mais devo ficar aqui !  
Se eu não me fosse embora, em breve, qualquer dia,  
Sua convulsa mão, doida, destruiria,  
Crispada de furor, a minha estatua bella,  
E eu ficaria sendo... a triste sombra d'ella !  
Depois, como lhe disse a estatua, hontem á noite,  
Fustigado sem dó, dos dias pelo açoite,  
Meu corpo d'ambar perderia, a pouco e pouco  
Toda a graça e frescor que o fazem por mim louco,  
E a sombra que eu seria, em crescente amargura,  
Cada vez, cada vez ficara mais escura !



Não, não devo ficar !

Indo-me n'este instante

Bella como ainda sou, sempre bella e radiante,  
Como um astro brilharei aos olhos da sua alma,  
E a estatua glacial, a estatua muda e calma,  
P'ra Agamedes será em noites de tristeza  
O echo branco da minha exilada belleza !  
Parece o bem maior se vimos a perdêl-o,  
E assim, n'um sonho triste e saudoso mas bello,  
Mais bella me verá, 'inda com mais amor !

ANACREONTE

Terás razão, não sei...

Mas attenta na dor

Que o pobre soffrerá sabendo que partiste...  
Peço-te que não vás... Não vás ! Anda tão triste...

MELISSA

Por vêl-o assim tão triste é que eu me vou ! Receio  
Vêl-o mais triste ainda !

Em meu dorido seio,

Onda que vae estalar, pulsa-me o coração  
Como nunca pulsou, doido de commoção,

Ao sentir que me vou d'estas sombras discretas  
Onde as Horas a rir par'ciam borboletas !  
Cada pedra no chão, cada cepa na vinha  
E cada arbusto era um amigo que aqui tinha,  
E ainda mais que um amigo, um terno confidente,  
Que d'elle me falava... Aos raios do poente  
Se p'lo jardim em flor me aventurava só,  
Dizia-me um loureiro : — « *Onde é que elle ficou ?* »  
Mais abaixo, na vinha, um pampano viçoso  
Acenando por mim, gritava malicioso :  
— « *Foi aqui, aqui foi que elle, em risada louca,*  
*« Um bago te roubou que já tinhas na bôca !* »  
Mais adeante uma pedra exclama : — « *Aqui, um dia,*  
*« A sandalia ao compor, que do pé te fugia,*  
*« Apertou sobre mim o teu corpo celeste*  
*« Que impresso cá ficou no musgo que me veste !* »  
Esta casa, este céo, a vinha e aquelle mar,  
Tudo me fala d'elle, e tudo eu vou deixar,  
Para que tudo, céo e mar, vinha e jardim,  
N'uma unisona voz só lhe falem de mim !

## ANACREONTE

Sabendo que te foste, em furia repentina  
Ao mar se deitará, se a dor o não fulmina !

## MELISSA

A dor que ha-de sentir, sabendo que me fui,  
Poupa-lhe outra maior !

## ANACREONTE

Ai d'elle ! nem possue  
Ao menos uma irmã benevola e fagueira . . .

## MELISSA

Serei constantemente a sua companheira !  
Quanto mais longe andar, mais perto andarei d'elle !  
A luz dos olhos meus e o aroma d'esta pelle  
Nunca mais, adoçando as suas agonias,  
Deixarão de allumiar e embalsamar-lhe os dias !  
A ondasinha do mar, soerguida em cauto aneio,  
De longe ha-de lembrar-lhe o meu tumido seio,  
Dupla taça de myrrha e lacteas claridades ;  
Meus olhos côm do céo lhe mandarão saudades  
P'los lagos vesperaes d'aguas glaucas e cerulas ;  
P'la voz do rouxinol, chamál-o-ei com perolas ;  
Meus cabellos de luz, derramados p'lo somno,  
Nas arvores verá, quando as doirar o outomno ;  
E assim, fusile o sol, ou resplandeça a lua,  
Sempre elle me terá, meiga, radiosa e nua,

Vivendo no presente as horas do passado !  
Deixo-o e com elle vou ! Vou-me e fico a seu lado !

Reprimindo o choro que a suffoca :

Adeus, Anacreonte ! Adeus, risonhos céos,  
Onde aprendi a amar !

Parte.

ANACREONTE, procurando detê-la :

Melissa !

MELISSA, fugindo :

Adeus ! Adeus !

Coimbra,

21 de setembro de 1906.

ACABOU DE SE IMPRIMIR  
ESTE LIVRO AOS VINTE E  
UM DIAS DO MEZ DE FEVE-  
REIRO DE MIL NOVECENTOS  
E SETE NA TYPOGRAPHIA  
DO EDITOR FRANÇA AMADO,  
SITA Á RUA DE FERREIRA  
BORGES NA CIDADE DE  
COIMBRA.











